SAÚDE

Mais casos de malária

Em 2017, Luanda registou, no primeiro trimestre, cerca de 519.526 casos de malária, dos quais 167.183 em crianças. O município de Viana registou mais ocorrências.



Perigo iminente junto a estradas

Campos desportivos multiuso estão instalados em vários pontos da cidade, para que jovens se exercitem. Porém, o facto de algumas destas infraestruturas estarem à beira de estradas representa enorme perigo.



p. 22-23

CAMPOS MULTIUSO



22 de Janeiro de 2018 • Ano 0 • Número 16 •

Publicação quinzenal, à segunda-feira



OPINIÃO

NOTA DO DIA



CRISTINA DA SILVA
Directora Executiva

A CAPITAL E OS VELHOS PROBLEMAS

cidade de Luanda completa, na próxima quinta-feira, 25, 442 anos, desde a sua fundação, em 1576, por Paulo Dias de Novais. Apesar de muitos anos se passarem, os problemas, em Luanda, parece não terem fim. Em cada época que entramos, notamos, com muita tristeza, a realidade em que nos encontramos. São situações de vária índole. Faltam salas de aulas, electricidade, água, saneamento básico, transporte, enfim, uma série de problemas que todos os dias invadem as casas dos cidadãos.

Por exemplo, com o arranque do processo de matrículas no ensino geral, para o presente ano lectivo, notamos, com muita preocupação, o apelo e o clamor dos encarregados, que se sentem "atados" pela falta de vagas nas escolas públicas, para matricular os seus filhos. A esta dura realidade, juntase ainda o facto de boa parte das escolas terem as estruturas totalmente degradadas, com falta de equipamentos, como carteiras e quadros.

Em Luanda, existem perto de 106.763 crianças fora do sistema de ensino. Para reverter o quadro, seriam precisas 2.746 salas de aula.

Numa recente entrevista concedida ao *Jornal de Angola*, o director do Gabinete de Educação de Luanda, André Soma, falou mesmo na possibilidade de abertura de quintais para o ensino doméstico. São espaços que albergariam até 30 alunos e, no final do ano, requerer exames junto deste gabinete.

Segundo André Soma, estes quintais funcionariam como explicação, com vista a reduzir o número de crianças que se encontram fora do sistema de ensino.

"Em Luanda, existem perto de 106.763 crianças fora do sistema de ensino"

Luandando

ROSALINA MATETA Sub-Editora



O BRILHO OFUSCADO PELAS CONVENIÊNCIAS

A Inspecção Geral da Administração do Estado (IGAE) assinalou o seu 26º aniversário com a promoção de um ciclo de palestras que decorreu de 15 a 17 do corrente mês, no Palácio da Justiça. A instituição incluiu os jornalistas no seu grupo alvo. Foi assim que, na qualidade de jornalista, tive acesso às prelecções proferidas no dia posterior à abertura e no encerramento do seminário.

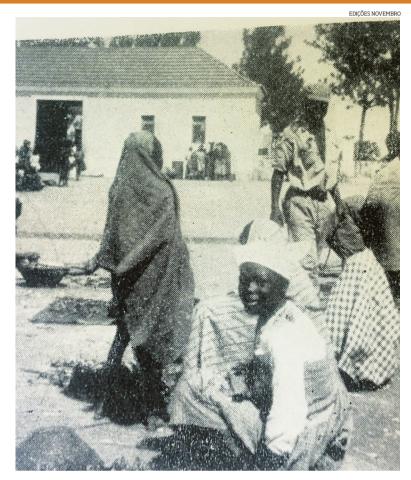
A inclusão de profissionais de imprensa para os temas " O Papel do IGAE na prevenção e combate às más práticas na Administração Pública", "Execução do OGE pelos Órgãos da Administração Pública" e O papel do Ministério Público no combate às más práticas na Administração Pública", deu-me a indicação clara de que aquele importante órgão do Estado queria-nos como partícipes das suas realizações. Para tal, pretendeu munir-nos de ferramentas adequadas para ajudarmos nos gigantescos desafios que a nova Angola propõe e espera resultados breves, a bem da Nação. Enquanto conhecedores das regras jornalísticas e não especialistas em outras ciências, apreendemos conceitos e definições e caminhos para actuarmos. Mas, a riqueza dos debates proporcionou-nos muito mais do que simples ferramentas. Em minha opinião, recebemos Aulas Magnas, que agregaram aos nossos conhecimentos inputs ligados às matérias pertinentes e actuais.

Porém, mais do que tudo que ganhámos, a "cereja em cima do bolo" deste workshop do IGAE foram, sem dúvidas, os prelectores. A elevada qualidade das abordagens mostraram-nos especialistas bem preparados e, se calhar, talhados para aquelas áreas do saber. O Inspector-Geral da Administração do Estado, Sebastião Domingos Gunza, disse, no seu discurso de encerramento, que os prelectores foram escolhidos a dedo. Acreditamos que sim. De todo o modo, há a pergunta que não quer calar e que é dirigida à sociedade angolana. Afinal, onde andavam esses brilhantes técnicos, quando, no passado recente, para fóruns do género, eram chamados prelectores estrangeiros?

Sem demérito aos prelectores mais velhos e muito bem referenciados na nossa "praça", quero mesmo aplaudir de pé os mais jovens, quase todos formados pelas nossas universidades. Eles não só estiveram à altura das incumbências, como destaparam o manto das conveniências que ofuscava o brilho de quadros que, em primeira estância, deviam ser chamados. Com certeza, bem teriam nos servido e ajudado a poupar divisas. Senhores magistrados do Ministério Público, terá ocorrido alguma fraude nestas contratações?

Postal da Cidade

Escreva-nos por e-mail para: jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao



Lembranças de Luanda MERCADORES DA HISTÓRIA

Existem ruas em Luanda que contam a sua história. Guardam lembranças do tempo em que foram criadas e a razão da sua criação. Em Luanda, temos ruas emblemáticas como a dos Mercadores, que, pela sua história e tantas relíquias que junta, tal como outras ruas, podiam ajudar a capital a ser elevada a património histórico mundial. O escritor José de Almeida Santos, no seu livro "A Alma de uma Cidade", lançado em 1973, escreve algumas notas sobre a Metrópole de 1800, onde mostra algumas fotos da rua dos Mercadores. Também fala sobre o consultório de um médico que fazia homeopatia. Era o doutor Santos, médico, homeopata puro, formado em medicina pela Universidade de Baviera, professor de homeopatia da escola homeopática do Rio de Janeiro, sócio correspondente da Sociedade de Medicina Prática d'Anvers, membro efectivo do Instituto Homeopático do Brasil, ex-médico da enfermaria de S. Vicente de Paulo, que durante algum tempo exerceu a profissão naquela rua. Mas a rua dos Mercadores terá sido muito mais do que este retrato. Sabia que a atribuição do nome deveu-se ao comércio de várias espécies que eram feitos naquele lugar da Baixa de Luanda? Tudo isso faz parte da história de Luanda e trazem memórias à alma.

A palavra ao leitor



Festa do povo

Sou dançarino. Sempre dancei ao carnaval, mas, ultimamente, por doença, já não consigo participar na festa do povo. Mas gostaria de pedir a todos que este ano vão à Marginal para que dancem com muita dedicação e amor. O momento de desfile é ímpar, fica para sempre na memória de quem participa. Assim, para este ano, desejo a todos os grupos carnavalescos boa preparação e fico ansioso, à espera de os ver na televisão.

Marcelo Brito
Prenda

Matrículas

Terça-feira, 16, fui matricular o meu filho. Gostei do atendimento dado pelas professoras e pelo director da Escola de Ensino do 1º Ciclo do Kifica. Eles merecem nota máxima, pela organização e dedicação que têm pelo trabalho. Se a actuação for geral no sector da educação, em pouco tempo, teremos bons resultados.

Paulo Baptista

Benfica

Água nas torneiras

Durante muito tempo deixei de pagar as facturas de água. O facto é que não corria água em minha casa há nove meses. Para meu espanto, voltei a ter água nas torneiras. Dispensei o camião cisterna e acabei por encher o tanque sem custos. Espero que não me cortem o fornecimento. Preciso de ter motivos para voltar a pagar a água.

Filipe Samuel Benfica

LUANDA

Directora Executiva: Cristina da Silva

Sub-Editora: Rosalina Mateta

Secretária de redacção: Maria da Gama

Jornalistas: António Pimenta, Arcângela Rodrigues, Domiana N'Jila, Fula Martins, Helma Reis, João Pedro, Mazarino da Cunha, Manuela Mateus, Nilsa Massango, Neusa de Menezes e Solange da Silva

Fotógrafos: Francisco Bernardo, Rogério Tuti, Contreiras Pipa, Domingos Cadência, João Gomes,

M. Machangongo e Kindala Manuel **Designer:** Irineu Caldeira & Adilson Félix

Morada: Rua Rainha Jinga 12/26 . Caixa Postal: 13 12

Telefone: 222 02 01 74/222 33 33 44 **Fax:** 222 33 60 73

Mail: jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Publicidade: (+244) 926 40 69 29/923 40 27 00 MAIL: antonio.goncalves@edicoesnovembro.co.ao



Presidente do Conselho de Administração: Víctor Silva

Administradores Executivos: Caetano Pedro da Conceição Júnior, José Alberto Domingos, Carlos Alberto da Costa Faro Molares D'Abril, Mateus Francisco João dos

Administradores não Executivos: Olímpio de Sousa e Silva, Catarina Vieira Dias da Cunha



Apesar de todas as alterações que sofreu, a Ilha de Luanda é a zona da cidade onde a influência do Português não é muito sentida, devido ao elevado número de falantes do Kimbundu, ao seu modo de ser e estar e, provavelmente, à configuração



JOSE PEDRO CONTEXTO

"A guerra que assolou o país durante décadas levou a que muita população do interior fugisse para Luanda, em busca de segurança. Daí que, hoje, encontramos na capital quase de tudo que existe no país em termos de linguas".

LÍNGUA NACIONAL

CONTREIRAS PIPA I EDICÕES NOVEMBRO



Por força da situação político-militar que o país viveu, o contexto sócio-linguístico na capital sofreu alterações, de acordo com o especialista José Pedro.

Linguista José Pedro descarta a possibilidade da língua Kimbundu desaparecer

Adalberto Ceita

alada maioritariamente na região centro-norte do país, o Kimbundu é a língua predominante na província de Luanda, afirmou o director do Instituto de Línguas Nacionais (ILN), José Pedro.

Em declarações ao Luanda, Jornal Metropolitano, o especialista explicou que, por força da situação político-militar que vigorou em Angola durante mais de duas décadas, o contexto sócio-linguístico na capital do país sofreu algumas alterações.

"A guerra que assolou o país durante décadas levou a que muita população do interior fugisse para Luanda, em busca de segurança. Daí que, hoje, encontramos na capital quase de tudo que existe no país, em termos de línguas nacionais", disse.

José Pedro referiu que existem diferentes comunidades espalhadas por toda a província de Luanda, o que faz dela um "todo linguístico". O caso de bairros com predominância de falantes de línguas como Tchokwé, Umbundu, Oxikwanyama ou Olunyaneka é disto exemplo. O domínio do Kimbundu, segundo o interlocutor, está também enraizado nas letras e músicas feitas e muito tocadas, maioritariamente, em Luanda.

Embora o Kimbundu seja característico de Luanda, o número de falantes não é tão visível, como o era noutros tempos. José Pedro justifica que, se no centro da cidade, os falantes estão em números reduzidos, no interior da província, a realidade é completamente diferente.

Aponta os municípios de Icolo e Bengo e Viana, especificamente na comuna de Calumbo, onde a língua Kimbundu constitui um instrumento de comunicação no dia-a-dia.

"Se partirmos do princípio de que a língua materna é a primeira que cada indíviduo aprende, na zona urbana, as crianças e jovens têm o português como primeira língua. Como sabemos, o aprendizado da língua não deve ser imposto e cada um utiliza aquela que melhor domina", disse.

O também docente universitário e especializado em linguística africana, pela Universidade René Descartes Paris V, em França, referiu que, por ser a capital do país e ter o Português como língua oficial, é de todo justificável que as línguas nacionais sejam menos falada, do ponto de vista oficial. Porém, disse acreditar que nos espaços familiares são consideradas instrumentos de comunicação. O académico aponta também o preconceito de pessoas apologistas da inferioridade das línguas nacionais, em relação ao português, tendo sublinhado que o centro da cidade é o espaço que maior influência tem sofrido da língua portuguesa.

"Apesar de todas as alterações que sofreu, a Ilha de Luanda é a zona da cidade onde esta influência não é muita sentida, devido ao elevado número de falantes do Kimbundu. Acho que se deve ao seu modo de ser e estar e, provavelmente, à configuração geográfica", disse.

José Pedro não acredita na reviravolta da influência do Kimbundu sobre o português. Apesar de verificar com entusisamo o interesse dos jovens músicos em aprender as Línguas Nacionais, é de opinião que este fenómemo não muda em nada o contexto em que vivemos. O entrevistado acentua que é notório o privilégio dado pelas novas gerações à língua portuguesa, em detrimento das línguas nacionais.

DELIMITAÇÃO SÓCIO-LINGUÍSTICA

A deslocação de pessoas para Luanda, feita desordenadamente, por força da guerra, provocou significativas delimitações no espaço sócio-linguístico de Luanda, originado a concentração de falantes das diferentes línguas nacionais, por zonas ou bairros, particularmente na periferia.

José Pedro descreve que as comunidades Tchokwé e Ngangela estão confinadas ao bairro dos Ramiros: a comunidade Oxikwanyama, no bairro Kapalanga, município de Viana; a Songo, na Petrangol, a Kikongo, na Mabor, a Luvale, no Bita, e por aí adiante.

"Conforme essas populações fugiram para Luanda, trouxeram a sua língua, modo de viver e de estar", realçou. Embora não existam dados estatísticos para aferi-lo, o especialista insiste que o Kimbundu continua a ser a língua mais falada na capital. Seguem-se o Umbundu, Kikongo, Tchokwé e o Oxikwanyama.

Além de descartar a possibilidade do kimbundu desaparecer, o director do ILN considera que Luanda configura um caso "sui generis", sendo um facto a convivência multicultural. "Muitos sentem-se bem aqui em Luanda e querem permanecer para sempre neste espaço. No futuro, teremos uma Luanda não tipicamente como uma área de predominância Kimbundu, mas com todas essas localizações de línguas", disse.

PRESERVAÇÃO DO PATRIMÓNIO

Da parte do Governo, exis- se de várias línguas, ente uma orientação para a promoção e preservação das línguas nacionais, consideradas património imaterial. É assim que, três anos depois da Independência Nacional, através do Decreto número 62/78, de 6 de Abril, o Governo criou o Instituto Nacional de Línguas.

"Em 1985 dá-se a transformação do Instituto Nacional de Línguas em Instituto de Línguas Nacionais. Foi uma transformação bastante significativa, na medida em que o Instituto Nacional de Línguas ocupavaquanto o Instituto de Línguas Nacionais ocupa-se única e exclusivamente das línguas nacionais", disse.

APOIO DO GOVERNO

José Pedro ressalta a importância que o Governo atribuiu às línguas nacionais, possibilitando assim o ínicio de estudos científicos sobre as mesmas.

"Até então, eram línguas de tradição oral. Com o trabalho desenvolvido pelo instituto, surgiram os primeiros alfabetos em língua nacional", lembrou.



BOAVISTA1E2

A VERGONHA DA INGOMBOTA

A primeira Boavista está localizada entre a linha do Caminho-de-Ferro de Luanda e a rua Kima Kienda, adjacente à Base Logística da Sonangol. A segunda Boavista está localizada nas barrocas, em direcção ao antigo mercado Roque Santeiro. Os casebres predominam e, com certeza, envergonham a Ingombota.



JOSEMATIAS UM BAIRRO DE ALEGRIAS ETRISTEZAS

"Boavista está no meu coração. Mesmo na casa de chapa me cuia bwé. O bairro é bom e de boa gente. A Boavista também é um lugar de muitas tristezas, porque a delinguência está sempre presente. Os assaltantes saem do Cazenga e Sambizanga e juntam-se aos da Boavista".



Mazarino da Cunha

s moradores das imediações da Base Logística da Sonangol, na rua Kima Kienda, na Boavista, vivem um pesadelo permanente, semelhante ao filme de Hollywood intitulado "2012". O filme, com John Cusack no principal papel, retrata a destruição do mundo por chamas, intensas e devoradoras.

O perigo é visível. Pode-se considerar iminente. Basta chegar perto do bairro, para sentir o forte cheiro dos líquidos inflamáveis da vizinha base logística. Estão dezenas de camiões; uns entram, outros saem e ainda vários ficam estacionados à beira das moradias e das barracas de comes e bebes. Inacreditável, mas os fogareiros acesos e repletos de grelhados são colocados ao lado dos camiões de combustíveis. E isso é considerado normal.

A equipa de reportagem do Luanda, Jornal Metropolitano, enquanto esteve ali a retratar o cenário, sentiu-se insegura. Porém, os moradores e os camionistas exerciam, com naturalidade, as suas actividades. Como tem se dito que o dia ganha-se logo pela manhã, tivemos a oportunidade de observar um casal aos abraços, junto de uma cisterna de gasolina, como o escrito: "Cuidado, produto inflamável". Eles não valorizaram a informação. Ficou claro que tudo e mais alguma coisa acontece na rua Kima Kienda, em plena luz do sol.

Maria Palmira, moradora da Boavista há mais de 23 anos, fala do seu dia-a-dia de maneira desesperada.

"Nós, um dia, vamos morrer queimados. É um perigo viver aqui. De tantos anos a inalar passivamente gasolina, agora já me parece um cheiro normal" desabafou.

Além do perigo que pode ser divisado por todos, na Boavista, junto à Base Logística da Sonangol, há um outro problema, que é o não funcionamento da rede de esgotos. "Desde que foi colocado o asfalto da rua Kima Kienda, os esgotos deixaram de funcionar", denunciou Maria Palmira.

Os moradores vivem em deploráveis condições de higiene. "Os quartos de banho já não funcionam como deveriam, por causa da avaria do esgoto", queixou-se Maria Palmira, que também apelou à Sonangol que crie condições para que sejam retirados da zona. "Nós chegamos aqui primeiro que a Sonangol. Desde que nos criem as condições para uma outra área, estamos dispostos a abandonar a Boavista", disse.

Os moradores da zona da Base Logística da Sonangol beneficiam de energia eléctrica, água, escolas e postos médicos, mas reclamam da falta de segurança e higiene. Outra moradora, da zona do imaginário cenário da sequela do filme "2012", manifestou-se para dizer que não era vontade dela e de outros moradores viverem e fazerem ne-



INSEGURANCA

Moradores e camionistas exercem, com naturalidade, as suas actividades. O alerta colocado nos camiões, "Cuidado, produto inflamáveľ", não é valorizado. Na Kima Kienda, tudo e mais alguma coisa acontece, em plena luz do sol, mesmo com o perigo à espreita.



MARIA PALMIRA FALTA DE HIGIENE

'Desde que foi colocado o asfalto da rua Kima Kienda, que os esgotos deixaram de funcionar. Os quartos de banho já não funcionam como deveriam ser. Desde que nos criem as condições para uma outra área, estamos dispostos a abandonar a Boavista".



FALTA DE SANEAMENTO Moradores da Boavista convivem diariamente com amontoados de lixo e obtêm água para consumo de fontes que constituem atentado à sua saúde

gócios naquele lugar de risco. Defendeu que, se não fizerem os grelhados, mesmo ao lado dos camiões de combustíveis, "os filhos vão passar fome". Vendedora de botas e luvas para a indústria, Maria Salvador, que vive na Boavista há 26 anos, contou que ali existem mais de 350 famílias, cadastradas há mais de 14 anos, que aguardam o realojamento pelo Governo da Província de Luanda (GPL).

"Já não sabemos o que fazer e onde reclamar. O Governo da Província de Luanda continua em silêncio. Enquanto esperamos, as nossas vidas continuam em risco de, um dia, nos queimarmos e apanharmos, também, uma epidemia por falta de limpeza", desabafou Maria Salvador. A senhora deposita todas as suas esperanças nos novos governos Central e provincial.

BARROCAS DA BOAVISTA

Na Boavista, não há apenas o perigo de um incêndio de grandes proporções. Existem muitos problemas, cuja solução não conseguimos alcançar. A equipa de reportagem constatou, por exemplo, que lá existe o que denominamos "Boavista 1 e 2", que, apesar de partilharem a mesma zona geográfica e administrativa, têm problemas muito diferentes.

A primeira Boavista está localizada entre a linha do Caminho-de-Ferro de Luanda e a rua Kima Kienda, adjacente à Base Logística da Sonangol, o provável cenário do já citado filme de Hollywood, se as autoridades afins não tomarem medidas preventivas.

A segunda Boavista está localizada nas barrocas, em direcção ao antigo mercado do Roque Santeiro. Os casebres predominam e, com certeza, envergonha a Ingombota. Já não é novidade ver aquele "condomínio", mas continua a ser arrepiante observar crianças e adultos no "sobe e desce" por inclinações perigosas, embora os usuários não vislumbrem qualquer perigo.

José Matias, jovem de 24 anos, disse que a Boavista está no seu coração. "Mesmo na casa de chapas me cuia bwé", exprimiu e defendeu que o bairro é bom e de gente boa.

Enquanto conversávamos com José Matias, o seu entusiasmo foi arrefecendo. Ele mesmo lembrou que a Boavista das barrocas do Roque Santeiro também é um lugar de muitas tristezas, porque a delinquência está sempre presente.

"Os assaltantes saem do Cazenga e Sambizanga e juntam-se aos da Boavista para fazerem coisas más. É muito triste. Por isso, temos vontade de abandonar essa miséria", manifestou.

José Matias garante que ele e os seus vizinhos também já foram cadastrados. "Nós ouvimos que a qualquer hora o Governo da Província de Luanda pode transferir-nos para uma zona mais segura ", disse, esperançoso.



PERIGO Os fogareiros acesos são colocados mesmo ao lado dos camiões com produtos inflamáveis

FALTA DE ENERGIA VIOLÊNCIA CRESCE

A falta de energia no bairro Mundimba B favorece a violência. Os assaltos acontecem todos os dias e, por esse motivo, os moradores têm receio de circular depois das 18 horas. Diariamente, alunos e trabalhadores (sobretudo mulheres) são vítimas de assaltos.



EVARISTO CANGENVO MORADOR PEDE MELHORES CONDIÇÕES

"Há vidas humanas, mas não há condições básicas de sobrevivência. Fomos esquecidos. Só imploramos por água, pelo menos. Podemos viver sem luz, mas nunca sem água. As autoridades do distrito têm conhecimento da existência do bairro e, mesmo assim, nunca recebemos a visita deles"



Yara Simão

oradores vivem sem condições primárias, como água, luz, saneamento básico, hospitais, escolas e unidades policiais, há mais de três décadas, no bairro da Mundimba B, distrito Urbano do Zango, município de Viana. A descrição a seguir é resultado da constatação "in sitio" e do relato de habitantes, que clamam pela intervenção das autoridades de Luanda.

O bairro, localizado no Zango 0, surgiu nos anos 80 e é constituído, essencialmente, por camponeses que habitavam em casas de adobe. Havia também alguns caçadores de coelhos na área, dai a denominação "Mundimba". Com o decorrer dos anos, o bairro alargou e tornou-se "habitat" de muitas pessoas que, sem muitos recursos financeiros, procuravam melhores condições de vida.

No Mundimba B, a maioria dos homens trabalham nas obras e as mulheres comercializam produtos diversos à porta de casa e no mercado, nos arredores do Zango. Outras são empregadas domésticas nas centralidades.

Quase 40 anos depois, Mundimba B cresceu imenso. Tornou-se um bairro formado por casas desordenadas, num amálgama de ruas exíguas, repletas de lixo e de pó. Aqui não existe sistema de esgotos. Apenas fossas que muitas vezes rebentam e ficam a céu aberto. Para piorar, os moradores vivem permanentemente inseguros, porque a delinquência é vista a olho nu, 24 horas por dia.

As estradas do bairro assemelham-se as ondas de areias movediças, que dançam ao som da música do vento, levando poeira para dentro das residências, cujo conjunto já ultrapassa os 300 fogos.

A localidade tornou-se um labirinto, com muitas ruas, mas acessibilidade limitada. Quase todas as casas apresentam o mesmo "estilo arquitectónico". Algumas já rebocadas e pintadas, outras nem por isso. Porém, é o lugar que muitos cidadãos angolanos escolheram para viver.

A reportagem do *Luanda, Jornal Metropolitano* constatou no local que a falta de água canalizada tem influência negativa na qualidade de vida dos moradores. Por outro lado, membros da comunidade correm, todos os dias, o risco de atropelamento, ao fazerem a travessia das estradas, com baldes e "bidões" à cabeça, para acarretar o chamado "líquido precioso". Em algumas ocasiões, os habitantes recorrem a cisternas que comer-

COMISSÃO DE MORADORES

Os moradores sonham com dias melhores e um bairro bem sucedido. Pelo menos, com as condicões primárias para se viver.

"Um bairro bem-sucedido é, para nós, aquele que se mantém razoavelmente em dia com os seus problemas, de modo que eles não o destruam. Pelo contrário, o mal sucedido encontra-se sobrecarregado de deficiências e problemas, cada vez mais inerte diante deles. É desta ala que fazemos parte. Mas pretendemos sair, com o apoio da Administração Distrital e do Governo da província", refere o coordenador da Associação de Moradores, Joaquim Imperial Santana.

O BAIRRO ESQUECIDO

O responsável lamentou que, após 34 anos de existência e notório crescimento populacional, o Mundimba B continua esquecido, dentro do distrito do Zango.

"São do conhecimento da Administração Distrital todas as situações que o bairro está a atravessar, há décadas. Nós até já seleccionamos espaço para que seja construída uma unidade policial e, pelo menos, um posto médico e uma escola em condições para as crianças. Aguardamos por uma comunicação da parte de quem responde por esta área".

Joaquim Imperial Santana revelou que é intenção dos moradores,urbanizar o bairro, numerar e terraplanar as ruas.



FÉ Munícipes mostram-se confiantes



CONDIÇÕES SANITĀRIAS DOENÇAS POR FALTA DE HIGIENE SÃO COMUNS

Crianças e adultos adoecem com frequência, vitimas de mosquitos e bactérias provenientes das latrinas, usadas em muitas moradias. A carência de água agrava a falta de higiene das pessoas, com destaque para as crianças que brincam na areia ao longo do dia e vão dormir sem tomar banho.



MAZITAJOAQUIM SITUAÇÃO LAMENTÁVEL

'Como é possível deixarem-nos viver assim? Aqui assaltam até durante o dia. Basta dar costas, quando voltas, não encontras o fogão, a botija etc. Até mesmo as chapas de casa, se estiverem soltas, é festa para os donos do alheio".

cializam a água a preços exorbitantes.

Os problemas do bairro Mundimba B vão além da falta de água. Também não tem asfalto, esgotos, energia eléctrica e recolha de lixo. As forças da ordem não marcam presença na localidade, deixando vasto espaço ao crescimento da criminalidade.

TREVAS E SUBNUTRIÇÃO

Devido a falta constante de energia eléctrica, muitas criancas do bairro nascem e crescem sem oportunidade de ver uma lâmpada acesa em casa. Os raros contactos com a luz acontecem por via dos vizinhos que possuem um "fofandó" (gerador pequeno e parado), que, quando a noite cai, acendem as lâmpadas da sala e da cozinha (está ultima só até o jantar ficar pronto, face à necessidade de poupar combustível).

Os alimentos como carne, peixe, frango e outros são comprados na hora, porque os aparelhos electrodomésticos passaram a ser mera decoração da casa. Aliás, não poderia ser diferente, numa comunidade onde apenas meia dúzia de pequenos geradores desafiam as trevas. Esta dificuldade tem impacto negativo na dieta alimentar dos habitantes, com maior prejuízo para as crianças.

A falta de luz faz com que sejam usadas velas, candeeiros a petróleo e fogueiros, para evitar a escuridão no interior das casas. Como consequência, todos os meses há relatos de incêndios, numa localidade onde não passa sequer um carro dos bombeiros. A adaptação dos moradores às condições do meio, leva-os a apagar os incêndios com recurso à areia e água. Felizmente, não tem ocorrido queimaduras graves ou mortes.

O quadro vivido no bairro Mundimba é preocupante para os moradores, pois não há uma unidade hospitalar que seja. Crianças e adultos adoecem com frequência, vítimas de mosquitos e bactérias provenientes das latrinas, usadas em muitas moradias. A carência de água agrava a falta de higiene das pessoas, com destaque para as crianças que brincam na areia ao longo do dia e vão dormir sem tomar banho. Doenças como a malária, paludismo, sarna, cólera e outras são habituais no meio.

ASSALTOS 24 HORAS POR DIA

A falta de energia no bairro Mundimba B favorece a violência. Os assaltos acontecem todos os dias e, por esse motivo, moradores têm receio de circular depois das 18 horas. Diariamente, alunos e trabalhadores (sobretudo mulheres) são vítimas de assaltos. Recentemente, uma adolescente foi violada às 19 horas, quando regressava a casa, como contam moradores. Por isso, o medo está presente.



FALTA DE ESTRADAS É intenção da comissão de moradores urbanizar, numerar e terraplanar as ruas para garantir melhores condições

"Como é possível deixarem-nos viver assim? Aqui assaltam até durante o dia. Basta dar costas, quando voltas, não encontras o fogão, a botija etc. Até mesmo as chapas de casa, se estiverem soltas, é festa para os donos do alheio", revelou Mazita Joaquim, que mora no local há quatro anos.

Questionado sobre as razões da permanência num local inóspito, o nosso interlocutor explicou que, se tivesse condições de sair do bairro, como muitos estão a fazer, não pensaria duas vezes.

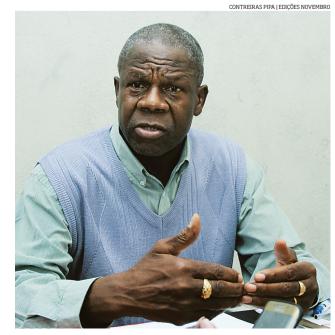
'Porém, não me resta alternativa. Tenho mesmo de me desenrascar aqui com a família. Não parecemos cidadãos angolanos; estamos esquecidos. Que nos dessem água, pelo menos, e instalassem uma esquadra policial, porque há muitos roubos, por aqui".

Evaristo Cangenvo, um dos fundadores, foi camponês na década de 80 no Mundimba B. Lamenta que a localidade tenha crescido somente no número de pessoas.

"Há vidas humanas, mas não há condições básicas de sobrevivência. Fomos esquecidos. Só imploramos por água, pelo menos. Podemos viver sem luz, mas nunca sem água. As autoridades do distrito têm conhecimento da existência do bairro e, mesmo assim, nunca recebemos a visita deles".

Sobre os assaltos, o morador revelou que o índice de criminalidade é cada vez maior. Não se pode deixar a casa sem alguém, porque os ladrões entram pelas chapas e levam tudo o que lhes convier", detalhou

O morador conta que, recentemente, numa residência cujos donos tinham ido trabalhar, os meliantes levaram tudo e até as janelas arrancaram. "Muitos abandonaram as casas por causa da falta de condições no bairro. Essas residências tornaram-se a pousada dos meliantes", declarou.



COORDENADOR DO BAIRRO Joaquim Imperial Santana



ENSINO SUPERIOR

NECESSIDADES SÃO AOS POUCOS ATENDIDAS

O aumento de tabuletas indicativas de instituições que cobrem as necessidade dos municipes é uma afirmação da autonomia e cidadania. O número de instituições é uma demonstração palpável do funcionamento do núcleo extensivo do Instituto Superior Internacional de Angola (ISIA) e outras.



ESPERANÇA TEMPOS AIROSOS

Nos dias que correm, evidenciam-se sinais claros de esperança para os que escolheram o Zango como poiso . Malembe, malembe, vão vincando os traços que enunciam tempos mais airosos. Longe vai o tempo em que o "Zango" tinha relação directa com local de passagem para quem tinha como objectivo atingir Calumbo.



Adérito Quizunda

á cerca de uma década, a referência "Zango" entrou no léxico das locubrações do nosso imaginário colectivo. Na pré-história dessa constatação está um período temporal caracterizado por laivos de inquietude e circunstâncias que raiaram ao trágico.

Se bem estamos lembrados, os "alicerces" deste aglomerado populacional que cresce na voragem dos tempos correntes de forma exponencial, que hoje ronda em cerca de um milhão de almas vivas, tiveram como razão de existência a tentativa de acudir hordas humanas assoladas pela ira das torrentes de São Pedro, que se abateram, sem dó nem piedade, sobre Luanda, de forma geral, mas, sobretudo, os que tinham como ponto de abrigo paredes meias com as encostas do Miramar e arredores.

Se, para quem acompanhou o desespero daquelas populações, a partir dos ecrãs de televisão, prostrado em poltronas de salas de estar algures em outras latitudes do mundo, o dantesco espectáculo já constituía "letmotive" para partir os corações, imagine-se o que ia na alma dos que vivenciaram aqules epifenómonos de forma directa?

É caso para concluir que as autoridades que por aquelas alturas superintendiam os destinos funcionais da nossa bela capital tiveram que dispender esforços que redundaram numa dimensão análoga a uma contenda entre Sansão e Dalila. Esforços hercúleos!

Na altura, o nível de fragilidade das estruturas que serviam de abrigo aos moradores das áreas mais afectadas pelo peso da tormenta das águas, em alguns casos, tinham relação directa com cenários de aglomerados populacionais, tais como os que, de vez em quando, entram pelas nossas salas adentro via televisão e que nos permitem vislumbrar realidades normais de sítios dos mais inóspitos que ladeiam muitas "metrópoles", como S. Paulo (Brasil), Nairobi (Quénia), La Paz (Perú) e... por que não outros espaços mais recônditos e ainda mais inóspitos?

Tratavam-se, pois, de áreas em que as condições de habitabilidade eram mesmo horríveis. De tal sorte que, dentre muitos dos habitantes que faziam morada em tais circunscrições, o registo, em suas vidas, de oportunidades em que o desfrute de coisas tão "simples", como a oportunidade de sentar numa sanita ou tomar um duche de chuveiro, constituíam actos de grande significado.

Dados referem que, na altura, foram deslocados para o Zango e posteriormante realojados em habitações mais condignas, relativamente aos

MELHORIAS SANEAMENTO BÁSICO



A questão do saneamento básico, ainda que de forma titubeante, vai dando passos visíveis. As principais vias de acesso vão garantindo um grau de fluidez cada vez mais consentâneo com as necessidades dos cidadãos. Dentro das melhorias vale realçar o facto de a unidade pré-hospitalar do Zango já ser uma realidade palpável.



NOVAS HABITAÇÕES

Dados referem que, na altura, foram deslocados para o Zango 2 e posteriormante realojados em habitações mais condignas, relativamente aos sítios de onde eram provenientes, uma quantidade assinalável de almas vivas.

sítios de onde eram provenientes, uma quantidade assinalável de almas vivas. E de lá até agora, a saga de habitantes não pára de crescer.

Nos dias que correm, evidenciamse sinais claros de esperança para os que escolheram o Zango como poiso. Malembe, malembe, vão vincando os traços que enunciam tempos mais airosos. E de forma já irreversível. Longe vai o tempo em que o "Zango" tinha relação directa com local de passagem obrigatória para quem tinha como objectivo atingir o povoado de Calumbo, sobretudo, aquando das actividades eclesiásticas, organizadas pelo bispado de Viana.

Há cerca de uma década, a referência "Zango" entrou no léxico das lucubrações do nosso imaginário colectivo. Na pré-história dessa constatação está um período temporal caracterizado por laivos de inquietude e circunstâncias que raiaram ao trágico.

Desde logo, registam-se melhorias no que tange ao alargamento da rede de fornecimento de electricidade. Que digam os moradores do Zango III e IV. A questão do saneamento básico, ainda que de forma titubeante, vai dando passos visíveis. As principais vias de acesso vão garantindo um grau de fluidez cada vez mais consentâneo com as necessidades dos cidadãos. No rol de melhorias vale realcar o facto de a unidade pré-hospitalar do Zango já ser uma realidade palpável, a tal onde o actual presidente da República, João

Lourenço, na mais recente campanha eleitoral, nas vestes de candidato ao mais alto cadeirão da magistratura angolana, inteirou-se do estado de saúde do icónico kudurista Sebem.

Atendendo ao aumento da guantidade de almas vivas que fazem morada naquelas paragens, é reconfortante constatar o emergir de instituições onde os desígnios de formatar homens em quantidade e qualidade ganha laivos de consistência. De resto. não pode passar despercebido, para quem é atento, o aumento de tabuletas indicativas de instituições que cobrem esta necessidade importante de afirmação da autonomia e cidadania. Para provar essa inferência, já são palpáveis os efeitos do funcionamento do núcleo extensivo do Instituto Superior Internacional de Angola (ISIA), do Instituto Superior Politécnico (ISPO) e do Instituto Superior Nelson Mandela.

Está-se perante um quadro que permite maior animação, sobretudo, dos jovens do "sítio" que, dentre outras vantagens decorrentes desta realidade, está a oportunidade de verem mais aliviados os encargos inerentes ao suporte das "corridas" dos táxis, quando a questão é frequentar estabelecimentos do ensino superior em outras paragens da cidade, geralmente distantes.

Enfim, tudo indica que o cardápio de coisas boas não se esgotam por aqui... As "fatias" mais "suculentas" do "cardápio" ainda vão no adro. E, está-se em crer, por força dos efeitos que se vão evidenciar, dentre outros motivos, com a entrada em funcionamento do mais moderno aeroporto internacional, que está a ser erguido no nosso país, mesmo nos arredores do Zango. Aí sim. Não restarão dúvidas de conferir a esse pedaço de terreno, outrora de importância relativa, o estatuto de "poiso" de animação garantida e ponto de confluência de muitos dos mais importantes factores de atração e valorização do futuro de Luanda.



ENCHENTES Em tempo de chuvas as enchentes ainda atormentam os moradores



NOVAS MORADIAS Moradores da Boavista foram realojados no Zango, apesar da terra vermelha



SAÚDE GARANTIDA Habitantes do Zango podem receber atendimento médico na zona de residência



MOTO-TAXISTA SILONY MARGINAIS SEMEIAM

ERROR TODOS DIAS

"Isto está demais. Todos os dias há disparos de arma de fogo. Já penso em deixar de fazer o serviço de moto-táxi por temer pela vida. Tenho medo de trabalhar até muito tarde. Ouvem-se tiros com frequência. A Polícia deve trabalhar mais no sentido de acabar com esses actos".



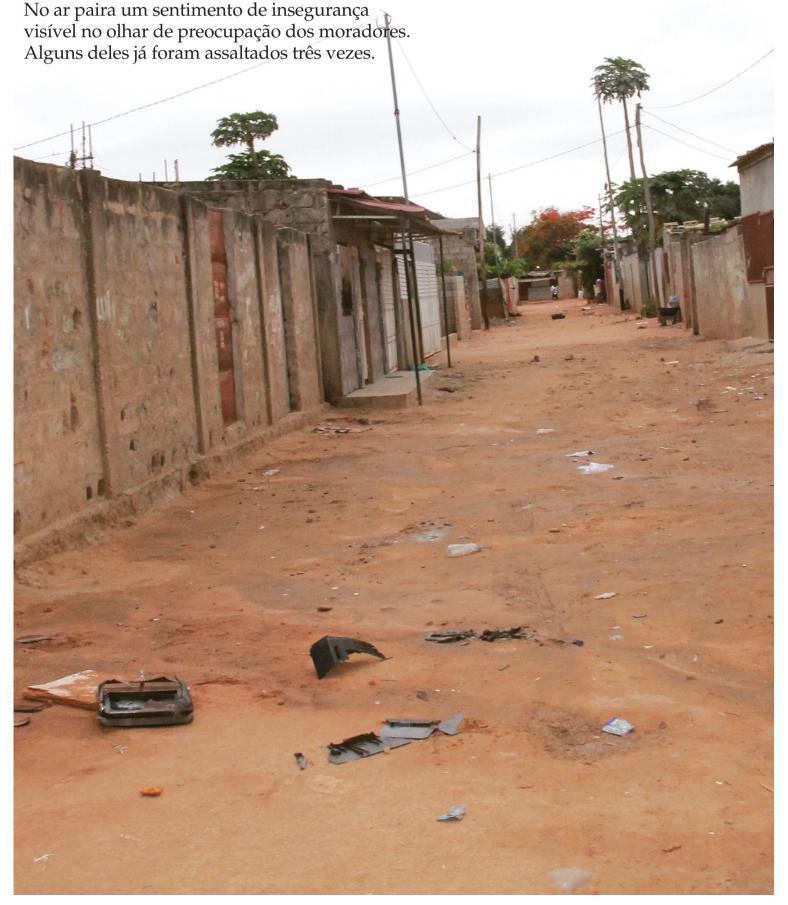
RECOLHER OBRIGATÓRIO

SENTIMENTO DE INSEGURANÇA

Pouca movimentação de pessoas e portas de residências fechadas dão a sensação de se estar num bairro onde reina o recolher obrigatório e o sentimento de insegurança é vísível no rosto dos moradores, que clamam pelo reforço do policiamento e da iluminação pública

VIANA

Assaltos atormentam o Bairro Seis Cajueiros



Domingos dos Santos

uem caminha pelas ruas do Bairro Seis Cajueiros, comuna dos Mulenvos de Cima, em Viana, tem, desde logo, a sensação de estar num local onde reina "o recolher obrigatório", pois, no ar, paira um sentimento de insegurança visível no olhar de preocupação dos seus moradores. Por estas bandas, uma nova onda de assaltos na via pública e, principalmente, às residências assombram os moradores, ao ponto de muitos deles pensarem em mudar de casa.

Os relatos das vítimas emocionam quem os ouve e, contrariamente ao que diz a Polícia, no Bairro Seis Cajueiros a criminalidade está em evidência. Numa recente entrevista ao *Luanda*, *Jornal Metropolitano*, o porta-voz do Comando Provincial da Polícia Nacional em Luanda, Mateus Rodrigues, considerava a cidade de Luanda um lugar seguro para se viver. Porém, reconheceu que a densidade populacional da capital angolana, os problemas de urbanização e a falta de iluminação contribuem para o aumento da criminalidade violenta.

No Bairro Seis Cajueiros, de acordo com moradores, praticamente todas as casas já foram alvo dos "amigos do alheio". Rosélia Mateus é mais uma vítima da acção dos malfeitores, que, na calada da noite, tiram o sono ao cidadão de bem. Moradora do bairro há sensivelmente oito meses, ela conta ter vivido momentos de terror, na madrugada de quarta-feira, 15 de Novembro de 2017.

Ainda traumatizada, Rosélia recorda que, nesse dia, enquanto dormia tranquilamente, em companhia do seu filho menor, foi surpreendida por um grupo de três marginais, que, para seu espanto, eram liderados pelo filho de um vizinho, que dias antes havia consertado a cobertura da casa.

Os marginais levaram todos os seus bens, entre os quais dois televisores, sendo um deles uma TV plasma, oferecida por uma antiga patroa, dois descodificadores, uma botija, uma tostadeira e um enorme baú, também oferta da anterior patroa, além de uma enorme mala de roupa. "Eles obrigaram-me a levar tudo para o carro em que se faziam transportar", recorda a vítima.

TENTATIVA DE VIOLAÇÃO

Não satisfeitos, os bandidos decidiram que iriam violar a senhora, porque, segundo os marginais, ela vivia há muito tempo sem marido. De acordo com Rosélia Mateus, a partir daí, seguiram-se momentos de terror, ameaças e agressões.

Felizmente, o acto não se consumou, devido à pronta intervenção de um vizinho, efectivo das Forças Armadas Angolanas, que, apercebendo-se do assalto, efectuou vários disparos que afu-



CARLOS CARVALHO ASSALTOS MUDARAM A ROTINA DO MORADOR

"Os bandidos aqui não acabam. Parecem demónios. Desde o dia do assalto que faço os possíveis para chegar a casa bem antes das 18 horas", confessa Carlos Carvalho, que já foi assaltado uma vez.



CIRCULAÇÃO DE CARROS VIATURAS SÃO RARAS

Não é apenas a circulação de pessoas que é escassa. Mesmos os automobilistas circulam com muito cuidado e somente naquelas ruas com algum aglomerado de pessoas e comércio. Por isso, é raro ver nas ruas do bairro grande movimentação de viaturas de um lado para outro.

gentaram os marginais. "Aideia de eu ser violada partiu mesmo do filho do meu vizinho", revela, acrescentado que assustados com os disparos, os bandidos meteram-se em fuga, deixando para trás o filho do vizinho que lhes indicou o ponto de acesso ao interior da residência. O marginal foi apanhado e levado para a esquadra da Polícia Nacional do bairro. O bandido decidiu cooperar com as autoridades, indicando a localização dos seus cúmplices. A corporação, segundo a vítima, alegou não ter condições para a captura dos marginais. A vítima contribuiu com cinco mil kwanzas para que a Polícia fosse à procura dos meliantes, que, entretanto, já se tinham posto a milhas com os bens da pobre senhora.

Ainda em estado de choque e com marcas das agressões a que foi sujeita, a vítima conta que as primeiras noites, depois do assalto, foram difíceis para dormir, face à insegurança reinante no Bairro Seis Cajueiros. O jovem apanhado no local do crime foi levado para a Comarca de Viana. Num aturado trabalho de investigação, a Polícia Nacional conseguiu deter, quatro dias depois, o segundo dos três marginais envolvidos no assalto. Depois da detenção desse segundo indivíduo, a vítima foi notificada a comparecer no Comando Municipal de Viana da Polícia Nacional, onde o caso está a ser acompanhado, e junto da família dos autores do assalto para reaver os bens.

À excepção do baú, os bens devolvidos não são os mesmos levados da casa de Rosélia Mateus, na madrugada do dia 15 de Novembro. Esses foram vendidos algures no município do Cazenga. As investigações da Polícia Nacional, que continua no encalco do terceiro elemento envolvido no assalto, levaram à detenção de uma senhora, acusada de ser a pessoa responsável pela venda dos bens que os marginais conseguem nos seus assaltos. Em posse da senhora, foi encontrado o baú de roupa de Rosélia Mateus.

Uma fonte da corporação garante que os meliantes continuam detidos e o processo-crime a correr os trâmites legais, para que, brevemente, sejam apresentados em tribunal.

"JÁ PENSO EM MUDAR DE CASA"

O conforto e a tranquilidade deixaram de fazer parte da vida de Paulo Neto, desde o dia 10 de Dezembro do ano passado, quando viu a sua casa ser assaltada pela terceira vez num ano. "Os bandidos já levaram quase tudo o que tínhamos", lamenta Paulo Neto, que teve de colocar grades em toda casa, mas nem mesmo isso demove os marginais de a ter como alvo preferencial.

"Sei que a Polícia tenta fazer alguma coisa para acabar com a criminalidade, mas aqui está demais. Já penso em mudar de casa", diz, resignado. Acrescenta que a falta de iluminação pública e até em residências facilita a acção dos criminosos. Tal como Rosélia e Paulo, Maria da Conceição também já viveu momentos dramáticos, quando um marginal invadiu a sua casa, agrediu-a e a amarrou, exigindo dinheiro, o cartão multicaixa e outros bens de valor que tivesse consigo.

Maria, que trabalha numa conhecida cadeia de supermercados, já foi assaltada duas vezes. Para ela, isso não é mera coincidência. Acredita que os marginais, na sua maioria provenientes do Cazenga, fazem um levantamento sobre as casas a serem assaltadas, nomeadamente, o número de pessoas residentes, os bens que possuem e onde trabalham. "Depois disso, eles partem para acção", diz Maria, para quem a falta de energia faz com que o bairro seja vulnerável à criminalidade.

"FUI ASSALTADO ÀS 19 HORAS"

O clima de medo está inserido nas ruas do bairro Seis Cajueiros. Olhar para todos lados é a forma dos moradores evitarem assaltos.

Carlos Carvalho, um homem habituado a andar até de madrugada, foi surpreendido por um grupo de assaltantes às 19 horas do dia 14 de Dezembro de 2017, quando regressava a casa, depois de cumprir mais uma jornada de trabalho. "Eram uns miúdos. Colocaram-me e pediram-me tudo o que trazia e, depois, mandaram-me correr sem olhar para trás", recorda Carlos Carvalho.

Dias depois do assalto, acrescentou, descobriu que os marginais viviam mesmo atrás de sua casa. Carlos conversou com eles para fazerem a devolução dos seus bens, mas o marginais disseram que já os tinham vendido e não sabiam que ele era vizinho. "E disseram-me para deixar de andar tarde", revela, acrescentando que desde aquele dia faz os possíveis para chegar a casa bem antes das 18 horas. "Ös bandidos aqui não acabam. Parecem demónios", afirma.

O COMÉRCIO NÃO ESCAPA **A FÚRIA DOS MARGINAIS**

Comerciantes do Bairro Seis Cajueiros estão com medo com a onda de assaltos que afecta o local e desejam que a segurança seja reforçada.

O clima de medo também está inserido nas ruas do Bairro 6. Olhar para todos lados é a forma dos moradores evitarem os assaltos. Carlos Carvalho, um homem habituado andar até de madrugada, foi surpreendido por um grupo de assaltantes às 19 horas do 14 de Dezembro de 2017, quando regressava a casa, depois de uma jornada de trabalho



COMÉRCIO Os comerciantes e os moto-táxis também são alvo das acções criminosas de bandidos

A proprietária de um bar muito frequentado do bairro, que prefere não ser identificada, revela frustração com a onda de crimes registados no local.

Apesar de ser conhecida, ela não escapou a fúria dos marginais. Conta ter sido assaltada por dois jovens armados que exigiram todo dinheiro do caixa. "Hoje tabalhamos inseguras. Não sabemos quando podemos voltar a ser assaltados", exclama.

Outro comerciante, que também preferiu o anonimato, já foi vítima da saga criminosa dos marginais. Senegalês de nacionalidade, ele conta que primeiro houve uma tentativa de assalto, consumada dias depois com o roubo valores monetários, cartões de saldo da Unitel e Movicel. "Eles, normalmente, se fazem transportar em motorizadas para facilitar a sua fuga. Pedem e querem tudo na hora. Não podemos reagir. Só temos que entregar tudo para evitar sermos mortos", lamenta o comerciante.

FALTA POLICIAMENTO

Todos os moradores assaltados dizem já ter denunciado a situação à polícia do bairro, mas segundo eles, falta policiamento. "Dificilmente vejo a policia aqui, no bairro. Uma vez ou outra passam de carro ou a pé", diz Carlos.

Para os moradores, o Bairro Seis Cajueiros vive esta situação por causa de poucos efectivos da Polícia Nacional. "Patrulhamento aqui no bairro é coisa rara. Vemos poucos polícia nas ruas, daí a nossa insegurança. Penso que vamos continuar a ser vítimas da violência", diz Paulo Neto.

Uma fonte da Polícia Nacional, que preferiu não ser identificada, garantiu que o policiamento vai ser reforçado

BALEADOS À PORTA DE CASA

Domingos Santana e a namorada, que diz chamar-se Lili, foram baleados, às 19 horas, à porta de casa desta, no passado dia 5 de Janeiro de 2018, por dois marginais que se faziam transportar numa motorizada. Os autores dos disparos meteram-se em fuga, sem, no entanto, levar algo das vítimas.

O jovem, que aparenta ter 25 anos, foi alvejado com duas balas, sendo uma na barriga e outra na bochecha, e a namorada foi atingida no braço esquerdo. A pronta intervenção dos vizinhos permitiu que fossem transportados para o Hospital Américo Boavida, onde receberam assistência médica.

Lili já se encontra em casa e fora de perigo. Já Domingos Santana, apesar de ter recebido alta, continua em estado delicado. Segunda-feira, 15 de Janeiro, ele teve uma recaída e foi levado de emergência ao Hospital Américo Boavida. "Ele está a recuperar, apesar dos ferimentos ainda não estarem curados",

No dia 8 de Janeiro, uma bala perdida atingiu a perna direita de uma criança de três anos, que se encontrava no interior de uma residência. João José Mateus, pai do menino, conta que a bala entrou pelo tecto, numa altura em que a família se preparava para o jantar.

"Ouviu-se um barulho enorme e depois os gritos da criança, a queixar-se de dores na perna. Quando chegámos mais próximo, demos conta que tinha sido atingido por uma bala perdida", explicou. A criança recebeu assistência médica no Hospital dos Cajueiros, onde lhe foi retirada a bala. Tal como outros moradores. João Mateus lamenta o aumento dos assaltos às residências e diz que os marginais têm fácil acesso a armas de fogo, que utilizam nas suas acções criminosas.

Já na terça-feira, 9 de Janeiro, às 13 horas, houve troca de tiros entre marginais e agentes da Polícia Nacional. No mesmo dia, às 20 horas, voltou a se ouvir disparos que atormentaram os moradores do Bairro Seis Caiueiros.

Um jovem, que se identificou apenas por Silony, que faz serviço de moto-táxi, considera que a zona tornouse extremamente perigosa, tanto para moradores como

"Isto está demais. Todos os dias há disparos de armas de fogo". Acrescenta que já pensou em deixar de fazer o serviço de moto-táxi por temer pela vida. "Tenho medo de trabalhar até muito tarde. Ouvem-se tiros com frequência. A Polícia deve trabalhar para acabar com esses actos", diz.



BARTOLOMEUNAPOLEÃO RECORDAR O PASSADO

Eu tinha os meus 10 anos quando comecei a participar nas Festas da Ilha. Na época, os nossos pais ralhavam connosco porque éramos crianças. Diziam que não podíamos perder noites. Mas, ainda assim, quando os pais iam às festas, nós também aproveitávamos", contou sorridente.



A FORCA DO PASSADO RITUAL À KIANDA

O ritual à Kianda deve ser feito com ofertas para protecção dos pescadores e para garantir boa captura. Segundo algumas lendas, a Kianda habitava nas rochas, perto da Praia do Bispo. As festas sempre foram comemoradas na segunda semana do mês de Novembro.

COMEMORAÇÃO Festa da Ilha Uma tradição que se perde no tempo

Solange da Silva

Ilha de Luanda é o cartão-devisita da capital. Além do clima excepcional, praias paradisíacas e uma natureza exuberante, tem uma quantidade de tradições e celebrações culturais, algumas das quais permanecem inalteráveis há centena de anos.

Infelizmente, a Festa da Ilha não teve a mesma sorte. Deixou de ser comemorada. Os ilhéus guardam bem na memória as celebrações dos anos 40, 50, 60 e 70. A festa era sempre realizada na segunda semana do mês de Novembro.

Não se sabe ao certo quando aconteceu a primeira edição da Festa da Ilha. Sabe-se que foi muito antes de começar a ser divulgada pelos meios de informação, segundo depoimento de Bartolomeu Manuel Napoleão "Malanha" de 82 anos de idade.

"Eu tinha os meus 10 anos quando comecei a participar nas festas da Ilha. Na época, os nossos pais ralhavam connosco porque éramos crianças. Diziam que não podíamos perder noites... Mas, ainda assim, quando os pais iam às festas, nós também aproveitávamos", contou sorridente.

Nos dias que correm, para o ancião Malanha, é com muita tristeza que aceita que a Festa acabou. Nostálgico, à reportagem do Luanda, Jornal Metropolitano, detalhou como a Festa da Ilha era celebrada.

"As festas eram anuais. Começava na sexta-feira e ia até domingo. Era muita desbunda", lembra. Na Festa da Ilha, desfilavam diversos estilos musicais, como o Merengue, Kazukuta, Kilapanda e o Semba. "Ficávamos três dias seguidos, com comidas e bebidas, cantores, bailarinos, grupos de dança e com as 'famosas' mamãs da Ilha, que, com os seus rituais, faziam a homenagem à Kianda, sereia de Luanda, que os ilhéus acreditam que tem um poder sobrenatural", descreveu.

DA FESTA SÓ HÁ LEMBRANÇA

Bartolomeu Manuel Napoleão não se cansa de gabar-se dos bons momentos que já viveu nas muitas Festas da Ilha em que participou. Sempre com o rosto sorridente, o nosso anfitrião rebusca, da sua memória já cansada, histórias que viveu na "gloriosa" ilha de Luanda. Malanha contou que tudo começou quando o comboio ainda passava pela Ilha de Luanda.

"O que muita gente não sabe é que, nos anos 40, passavam comboios na

Ilha. Havia dois comboios, um grande e outro pequeno. O término do comboio grande era no Ponto Final. O comboio pequeno parava na igreja da Nossa Senhora do Carmo. O comboio pequeno, alcunhamos 'Papá Manuel'. As pessoas de vários pontos do país vinham às festividades neste comboio. Estavam sempre lotados. Todas as pessoas dos musseques 'engoliam' a Ilha. Alguns vinham de comboios, outros de autocarros e outros ainda a pé. Era tanta euforia, que ninguém queria perder as festas", recordou.

Na Festa propriamente dita, havia sempre uma banda que ficava debaixo de um tambarineiro ou tamarineiro e tocava vários estilos musicais.

"Eles alegravam o evento. Ninguém queria sair dali. Tocavam de dia e de noite. Eram incansáveis. As pessoas dormiam à vontade na praia, não havia delinquência. Os nativos e visitantes ficavam dias seguidos. A Ilha era limpa, era linda e mais famosa que nos dias de hoje", disse Malanha, exaltando o berço onde nasceu.

Das lembranças de Malanha, ficámos a saber que os centros recreativos estiveram na base do surgimento dos grupos carnavalescos. Falando de modo geral sobre todas as festividades, o kota não tem como compara-las ao antigamente. "Os tempos mudaram.

Os nossos filhos começaram a ter outras responsabilidades. Já há delinquência na Ilha... Alguns ilhéus começaram a mudar de residência. A administração nada fez sobre o caso e isto, aos poucos, foi acabando com as nossas festividades", lamentou o mais velho. Assim, nos nossos dias, da Festa da Ilha restou apenas o nome.

"É uma cultura que está a se afundar. Os nossos bisnetos e trisnetos estão a ficar sem história", reconheceu, com tristeza. Por esta razão, apelou às autoridades competentes para que façam voltar a Festa da Ilha.

RITUAL À KIANDA

Com o passar do tempo, quase todas as festividades da Ilha tendem a desaparecer, mas ficou ainda o ritual à Kianda, com os famosos xinguilamentos. Os rituais à Sereia são feitos da maneira seguinte: as mamãs fazem a comida da terra, usando os melhores ingredientes. Munidas de bebidas caras, luando ou esteira, vão à praia e estendem uma mesa para a sereia comer. Denominados "caculo", os muzongué atraem a Kianda.

Ainda se discute se a Kianda é mito ou realidade. Fora isso, o mais velho Malanha defende que os ilhéus até hoje fazem tal prática, porque é um ritual que não pode acabar.

"Para nós, os ilhéus, a Kianda existe. Nós vamos continuar a acreditar nisso", defendeu Malanha. Acrescentou que os ilhéus acreditam que há doenças que somente a sereia pode curar. "Se a pessoa estiver acamada, pode recorrer ao tratamento convencional, mas só obterá resultados ao mergulhar no mar", disse crente, o kota Malanha.

A Kianda deve ser venerada com as ofertas para protecção dos pescadores e para garantir boa pesca. Segundo algumas lendas, a Kianda habitava nas rochas, perto da praia do Bispo, em Luanda. A Festa da Kianda não é mais do que a Festa da Ilha. Sempre foi comemorada na segunda semana do mês de Novembro, com um longo ritual, batuques e danças tradicionais que completam a festa. Assim, ainda temos ou não a Festa da Ilha?



ANCIÃO Bartolomeu Napoleão hoje vive apenas da nostalgia



PERCUSSÃO UM RITUAL ANTIGO

Miguel Domingos diz que tocar batuque nas festas e óbitos de ilhéus é um ritual antigo, que nunca vai deixar de existir na sua vida, mesmo que um dia venha a sair daquela área de Luanda. "O batugue é a alma da Festas da Ilha. O União Mundo da Ilha tem 12 tocadores de batuque",



MIGUEL DOMINGOS TOCADOR DE BATUQUE

O batuque é, para nós, uma parte do nosso dia-a-dia. É a continuidade da tradição, em memória daqueles que chegaram primeiro à Ilha de Luanda", frisou Miguel Domingos, demonstrando mestria, ao produzir sons com dois batuques e uma banheira.





MERCADO DA CAPONTE

LUGAR MARCANTE

Outro ponto de relevo na constituição panorâmica da Luanda da sua infância é o mercado da Caponte, localizado onde hoje está o Museu da Moeda, assim chamado em consequência da pequena ponte que lá estava, mas também celebrizado por ser aí onde as "domésticas" recebiam os salários.



ROLDÃO FERREIRA GIRA-BAIRRO DE LUANDA

Começou a sua vivência em Luanda, no Bairro Operário, exactamente atrás do Carneiro e Irmão, um mercado que ali existiu. Depois, foi para o bairro Zangado, no Marçal, passando a seguir para a Vila-Alice e também experimenta morar na Tourada, no Bairro da Polícia.

MEMÓRIAS

CEDIDA



Roldão Ferreira baptizou"Kudisanga kwa Makamba"

"Estou preocupado por figuras do domínio da cultura, como Liceu Vieira Dias, Catarino Bárber, Gabriel Leitão, António Van-Dúnen, Belita Palma e outras, não venham a ser honradas com nomes de ruas, no quadro da possível reforma toponímica da cidade de Luanda", manifesta Roldão Ferreira, em entrevista, um homem que soube viver Luanda.

Matadi Makola mal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

guisa de conversa, chama a atenção para a importância da Barra da Corimba, que fica ali na Samba, por fazer parte do itinerário da dura caminhada dos escravos, que inclui o Largo do Pelourinho e tendo grande relação com o Palácio Dona Ana Joaquina, que possui um túnel que passa por debaixo do Ministério das Relações Exteriores, da loja Cunha e Irmãos, BNA e vai dar ao porto pesqueiro. E, a folhear um amontoado de papéis que um dia pretende publicar em livro, sentencia, já a demarcar as reflexões oportunas da data, o 25 de Janeiro, quando exactamente Luanda completa 442, enquanto cidade: "Eu acho que essa é uma oportunidade solene de rever isso, porque o túnel ainda existe, tanto que em finais dos anos 70 eu já tinha mostrado ao meu chefe da Cultura, ainda dirigida por António Jacinto".

Ainda no perímetro da Mutamba, disse que pouca gente sabe que foi por um golpe de sorte que o já nosso Palácio Ferro está ali, que era, antes, parte de uma feira itinerante, que ficava cerca de três meses na cidade onde passava. Afinal, a feira vinha de Madagáscar, com destino a Luanda, e depois voltava a rumar para outro ponto, o que não aconteceu, devido a uma avaria do batelão que a transportava, acabando assim por ficar retida em Luanda.

Outro ponto de relevo na constituição panorâmica da Luanda da sua infância é o mercado da Caponte, localizado onde hoje está o Museu da Moeda, assim chamado em consequência da pequena ponte que lá estava, mas também celebrizado por ser aí onde as "domésticas" recebiam os salários.

Dos tantos becos que Luanda tinha, quase já ninguém dá conta do lugar que foi o primeiro espaço cultural como tal, que era um teatro que existiu exactamente na rua dos Mercadores. "É naquela pequena ruela onde ficava o teatro providência, mais ou menos em 1860, onde hoje parte do espaço é ocupado pelo restaurante Flor da Sê...", refere.

O MENINO DO MARÇAL

Diz de si que nasceu acidentalmente no Lobito, em 1940, e onde lá ficou só os primeiros quinze dias de vida. Começou a sua vivência em Luanda, no Bairro Operário, exactamente atrás do Carneiro e Irmão, um mercado que ali existiu. Depois foi para o bairro Zangado, no Marçal, passando a seguir para a Vila-Alice e também experimenta morar na Tourada, no Bairro da Polícia.

Tem grandes memórias da sua zona no Marçal, a Chapada, assim chamada porque quem tentasse abusar alguém ou namoriscar uma senhorita dali apanhava chapada. Confirma ser uma atitude típica da época, picardias próprias do bairrismo reinante.

Aos poucos, foi-se tornando num "gira-bairro" de Luanda. Passou pelo bairro Zangado, um apêndice do Marçal. É assim chamado por um dia se terem revoltado contra populares do Sambizanga. Roldão contava 7 anos de idade e lembra que o povo cantava o seguinte: "Zangado que vai para a guerra, morrer ou viver".

É neste bairro onde trava amizade com o Mateus Pelé, que vinha da Funda, isto em finais da década 40. Por força da sua virtuosidade na dança, este eleva o bairro consigo, imortalizando o no seu celebérrimo nome: Mateus Pelé do Zangado.

A sua Luanda terminava no Cazenga e Sambizanga, depois dali já não tinha nada. Mas era um "homem da noite" e disso recorda ter sido de sua iniciativa a ideia de dar ao salão do Manuel Faria, que ficava no Sambizanga, junto ao Mário Santiago, o nome de Kudisanga Kwa Makamba, que veio mesmo a vincar e que, ainda hoje, algumas pessoas usam para referenciar qualquer quiosque ou espaço onde os amigos se encontram e convivem à vontade.

DE LUKWAKU A CACUACO

Como muito acontecia, o termo nasce de uma corruptela. Conta Roldão que, em 1562/64, Ngola Kiluange, ao render a sua irmã, que não teve sucesso nas conversações com Paulo Dias de Novais, vem a Luanda tentar emendar a situação. No entanto, o desfecho foi igualíssimo ao da irmã e mais fortuito. Logo depois da tentativa de conversação, é corrido pela soldadesca de Novais, que o encurrala na direcção do Largo do Pelourinho. Fazendo jus do seu porte físico e destreza, consegue fugir das atenções, entrando por becos e vielas, característica da então cidade.

Reza a história que ao chegar até à Mutamba é atingido por um tiro, exactamente, numa das pernas. Convicto, consegue subir a calçada da missão, ainda toda arenosa, e chega até às proximidades onde está hoje o Hotel Trópico, isto ainda na tenativa de ludibriar a segurança de Novais, que conduzia esta perseguição tenaz. Continuou o percurso até à lagoa do Kinaxixi, onde lava a ferida provocada pela bala. Como sangrava muito, lavou num lado da lagoa e anda mais uns 100 metros em terra firme, até voltar a lavar, já do outro lado da lagoa, a ver se despistasse a guarda portuguesa, que ficou sem saber por onde o rei e seus acompanhantes se tinham escapulido.

O rei volta e apanha o que é hoje a avenida Brito Godinho, em direcção ao actual o cemitério do Alto das Cruzes, a fim de descer as barrocas (da Dona Engrácia), chegando até à Casa da Reclusão. Assim caminha à beira-mar, porque a água não deixava vestígios, continuando a passo. Chega ao forte, que é hoje a Fortaleza do São Pedro da Barra, onde enche a sua cabaça e continua a subir, passando o perímetro do bairro Uíge até chegar à Tecnocarro, onde encontra a Mulemba e passa lá uma noite, acompanhado pelo soba Kalunga, seu braço direito.

Continua o percurso até chegar a Cacuaco, à data ainda sem nome. Passam lá uma noite, nos perímetros onde hoje está edificada a igreja, mas um pouco lá mais para cima, que era conhecido por ota ngana (latrina do feiticeiro/doutor), assim chamado por lá habitar um certo angolano de Malange, que fugiu da sua terra por ter espancado a mulher até à morte.

Entretanto, quando desejam sair dalí, seguem em direcção à Funda, até chegar onde hoje está a igreja de Santo António, onde pretendia encher novamente a cabaça. Um dos serviçais do rei, decerto vencido pelo cansaço, recusa-se a continuar a ajudar a carregar a tipoia, enfurecendo assim os outros, que logo se aprontaram em açoita-lo, não fosse a intervenção imperiosa do rei, que logo deu conta que o braço do rapaz doía. Disse o rei em Kimbundu: "mukuenu, ô kalukwaku ya kexile ku kata kyavulu... o kalukwaku" ("o braço do outro estava a doer-lhe muito"). Dai que kalukwaku (braço) passa para Cacuaco, segundo a história.



UMA PERSPECTIVA DA BAIXA DE LUANDA, DO LARGO DA MUTAMBA, CONCRETAMENTE



HOMENAGEM MÚSICAS PARA LUANDA

Mukenga e Zau, em "O Canto da Sereia, O Encanto", trazem a belissima "Eu vi Luanda", de 1997; Teta Lágrimas, com 'Luanda já Foste Linda'', contribui, significativamente; Bonga, em Angola 72, não a esquece e a celebra em "Luanda Nbolo"...Mais cantores honraram a banda.



COVARACIVERRAL KIZOMBA ESEMBA

Nesta lista que acreditamos ser representativa, em género e época, imperdoável seria fechar sem incluir Eduardo Paim, obreiro-mor de "Luanda, Minha Banda" e "São Saudades", ambos completos no seu género, registos intemporais para qualquer altura, mas que ganham sempre outro sabor no mês da capital.



Matadi Makola

o distinguir as possíveis pedras sonoras que reergueram Luanda, ficam algumas que o tempo, de clara e honesta precisão histórica, nunca permitirá que delas nos livraremos. Essas são, efectivamente, as que não somente cuidaram do espectro, como também sararam a alma e serviram de candeeiro, quando o breu ameaçava engolir a cidade por completo, cozidas somente pela força da guitarrada e batucada do Semba, Kizomba e Rap, que fizeram eco tanto cá como fora do país.

Em momentos difíceis da vida recente do país, o canto utilizou o seu particular eufemismo até para desdramatizar, quando toda uma imagem de cidade caia a pique. Foram vozes de músicos que a reergueram, à força do

canto. Desse mote trazemos uma singela lista, que cuidamos em dizer que não se esgota aqui, mas procura lembrar alguns nomes incontornáveis, pela popularidade e mestria.

Dos géneros, o rap é o que o menos contribui. Em 2003, os Mess lançam o álbum "Longa Caminhada", que traz "Minha Luanda", música que conta com um coro vigoroso de Carla Moreira e cujo enfoque temático recai na saudade e sublimação dos aspectos típicos da cidade.

Igual tentativa fizeram os Warrant B, na temática e musicalidade, na "Luanda" (é tão bom), do álbum "Perfil Adequado", lançado também em 2003. Ainda do taxado rap comercial, a crítica do "modus vivendi" da juventude da cidade vem do grupo Kalibrados (da Maianga), na sua música "Luanda", do insuperável álbum "Negócio Fechado", lançado em 2005, uma suave súmula do conteúdo do Ecos e Factos.

Determinantemente realista, "Em Luanda que Ninguém Conhece", do álbum "Dois Lados da Mesma Moeda", lançado em 2016, Kid Mc não supera o cliché dos álbuns anteriores, apenas apimenta o discurso realista, sem, por isso, constituir novidade estética nem vocálica. O rap por Luanda demarca-se aí.

Dos géneros mais lavrados na praça, Kizomba e Semba são, sem sombra de dúvida, os mais produtivos neste assunto. Yola Araújo foi das mais felizes, ao dar voz à letra "Luanda Serena", da autoria de Euclides da Lomba.

Mas, antes da década 2000, Ruca Van-Dúnen e Ricardo Abreu oferecem "Som

de Luanda", do álbum "Sem Kingila", de 1992; Mukenga e Zau, em "O Canto da Sereia o Encanto", trazem a belíssima "Eu vi Luanda", de 1997; Teta Lágrimas, com "Luanda já Foste Linda" contribui, significativamente; Bonga, em Angola 72, não a esquece e a celebra em "Luanda Nbolo"; Paulo Flores não trava a inspiração e, em "Xé Povo", álbum lançado em 2005, propõe "Luanda dos Afogados".

O saudoso André Mingas não poupa mestria em "É Luanda". Gingas do Maculusso marcaram pela jovialidade, tanto que "Mbanza Luanda" e "Kizomba" nada devem em qualidade; Carlos Burity faz uma invocação particular à "Ilha de

Luanda", lembrando-a enquanto "pombal do amo". Hélvio, em "Lua, Luanda", de "Muxima Wami", não abre mão dos novos temperos que a kizomba ganha, depois de 2000; Matias Damásio dá-lhe o seu canto amadurecido em "Luanda, Terra de Braços Abertos".

De tanto a distância doer, os Irmãos Verdades não viram outra forma, senão confessar que "São Saudades", uma construção que ateou o amor por Luanda dos muitos que há anos estavam na diáspora. Nesta lista que acreditamos ser representativa, em género e época, imperdoável seria fechar sem incluir Eduardo Paim, obreiro-mor de "Luanda, Minha Banda" e "São Saudades", ambos completos no seu género, registos intemporais para qualquer altura, mas que ganham outro sabor no mês da capital.

Que estes registos musicais aqui sugeridos sejam suficientes para dizer "Parabéns, Luanda!



CANTORAS O TRIBUTO DAS GINGAS

As Gingas do Maculusso são, naturalmente, uma homenagem a Luanda e "Mbanza Luanda", seu álbum de estreia, foi um sinal claro. Mas muito ainda estava por vir, porque, em todos os álbuns, as Gingas trouxeram sempre uma canção para a capital, uma forma peculiar de a lembrar.



"PÉROLA AZUL" **UM DISCO INTEIRO** A CANTAR A CIDADE

Um disco composto de dez faixas musicais versa sobre diferentes assuntos e momentos da cidade de Luanda. É um álbum que não chegou a ser promovido devidamente, tal foi o atraso com que as coisas foram passando e se modificando.



Matadi Makola

osa Roque descreve Luanda como capital simbólica, por ter servido como porto mais seguro ou ponto de refúgio para todo o país durante a guerra e ter resistido a tudo, sem

se descaracterizar.

"Enquanto o país todo caia e sangrava, Luanda mantinha-se em pé, com tudo e com todos. Continuou viva no Semba, na farra, no desenrascar (e aqui já falo do Roque Santeiro). Luanda é, a todos os níveis, uma mãe que albergou o país. Lunda é isso: paixão e encanto".

Daí a sua inspiração, não só pela sua beleza, mas pelo simbolismo e resistência no contexto histórico de Angola. Mas, por não ser um caso único, convidamo-la a pintar um postal musical da cidade, de vozes que emprestaram o seu talento para elevá-la. Ela começou por definir "Minha Cidade", de Dionísio Rocha, como a que ainda se mostra insuperável. Porquê? Aponta não ser apenas pela beleza da música, mas também pela durabilidade.

"A canção que já se ouve há mais de trinta anos, mas que continua com o mesmo encanto; é também um sinal do talento dos angolanos. Porque, naquele tempo, as condições não eram as mesmas de hoje, mas nada impediu que o génio criador deste angolano sobressaísse tão bem, com simplicidade e sumo luandense".

O rol segue com Matias Damásio, que considera ter sido muito feliz, ao pintar "Luanda" ("terra de braços abertos"); Né Gonçalves, pelo seu "Semba a Luanda", e a "Luanda", lírica de Euclides da Lomba, interpretada por Yola Araújo. Modéstia à parte, dos três, fora a temática, Rosa Roque aponta a paixão como denominador comum, incluindo-se, também, por ser ela a autora da letra "Mbanza Luanda", das Gingas, sustentando que nestas ocasiões deve ser o autor da letra a ser tido em conta e não o intérprete.

TODA A CIDADE NUM DISCO

As Gingas do Maculusso são, naturalmente, uma homenagem a Luanda e "Mbanza Luanda", seu álbum de estreia, foi um sinal claro. Mas muito ainda estava por vir, porque, em todos os álbuns, as Gingas trouxeram uma canção para a capital. São essas canções, já reunidas, que deram num álbum que tomou como título "Pérola Azul", uma metáfora da relação de Luanda com o mar. Portanto, Um disco inteiro para tributar uma cidade.

O disco é composto de dez faixas musicais, que versam sobre diferentes assuntos e momentos da cidade de Luanda. É um álbum que não chegou a ser promovido devidamente, tal foi o atraso, que as coisas foram passando e se modificando, estando agora nas mãos de Rosa Roque um número considerável.

Ouem ouve o disco fica difícil não se ater à "Mbanza Luanda" ou à "Kizomba", registos muito bem acabados e que despertam sempre a curiosidade sobre os "condimentos" utilizados. Rosa esmiuça que "Mbanza Luanda" sempre foi, para si, reflexão pura. Detalha: "Ela eleva Luanda como mãe e feiticeira, que atrai tudo e todos e que não permite que ninguém a largue. Luanda na sua relação com o Semba, daí eu ter referenciado nomes como Elyas, Teta Lando e outros arquitectos do

semba", diz a compositora.

Aliás, esta referência nominal que faz na música causou-lhe algumas críticas, pelo facto de não ter citado Bonga. Por isso, agora aproveita para repôr o que considera um acto de injustiça, também assinalado por pessoas ligadas à música e reclamado pelo próprio Bonga.

Já "Kizomba", diferencia, é Luanda como farra, a se desenrolar nos centros culturais, como Mathie e outros. São dois registos que se completam, tanto que e em "Kizomba" roda Luanda à noite, na sua relação com a farra, e em "Mbanza Luanda" acalma.

Rosa Roque conta que esta música surgiu a brincar, quando uma das meninas das Gingas queria sair e pediu que a professora arranjasse um subterfúgio que a encobrisse. Foi com base nessa conversa pedagógica com uma das integrantes, que lhe vieram à cabeça as primeiras ideias que deram corpo à letra. Salienta que



VIGAS DA PURIFICAÇÃO I EDIÇÕES NOVEMBR

NELO JAZZ (Papa Ngulo) no disco

também tem, la no fundo, um apelo para que os filhos sejam sinceros com os pais, ao defenderem os seus direitos à vida lúdica.

A ESTÁTUA DE MWANA PWÓ

Certo é que a inspiração artística tem os seus caprichos e imprevisibilidade, tanto que até de polémicas surgem. "Luanda Mulher" acontece quando se faz o viaduto do aeroporto e era Aníbal Rocha o governador de Luanda. Acontece que foi colocadas aí uma estátua da "Mwana Pwó", que gerou muita polémica. Foi deste episódio que Rosa Roque se inspirou para fazer "Luanda mulher", tirando proveito daquele ambiente frenético, de muito choque e muito riso. Poucos dias depois, talvez por respeitar a indignação da população, a estátua foi retirada do viaduto.

É assim que saem os versos "vem, vem, Luanda, vem/capital linda do bem!". Outrossim, era também um motivo que deixava as pessoas regozijadas, a verem aí uma obra que tanto dignificava a cidade. E explica: "Foi ali, de facto, que as pessoas começaram a perceber o que viria a ser a reconstrução de Luanda e do país. Teve encanto e também transtorno, com muito engarrafamento durante o período das obras. Isso tudo deu a música Luanda Mulher", conclui.

O disco segue com a "Luanda Tal e Qual", que também a louva, mas destapa a complexidade desta cidade moderna, que ostenta grandes sinais de existência de ricos, a exibirem carros como Tuaregue e BMW-X5, mas ainda com a hegemonia do Toyota Starlet e do Hiace Comuter. Por outro lado, frisa também os coquetéis, as festas que começavam na quinta e só terminavam na segunda, síntese de uma cidade "sui generis".

"Pérola Azul" traz três faixas inéditas, exactamente, "Perola Azul", "Imbondeiro de Luanda" e "Nova Luanda", com participação do actor Nelo Jazz (Papa Ngulo), que se encarrega de cantar uma Luanda em galopante crescimento, com Talatona, Belas Shoping e mais...





AJUDE O TRABALHO DA ROTA, FACILITE O ACESSO DO CAMIÃO E DA EQUIPA DE COLECTA. TODOS SÓ TÊM A GANHAR.

LUGAR DE LIXO É NO CONTENTOR. FACA SUA PARTE!



SAÚDE



IOSOUITEIROS

ENTREGUE PORTA-A-PORTA

No dia 13 do corrente, no lançamento da campanha de distribuição de mosquiteiros, no Centro de Saúde do Cassequel do Buraco, a ministra da Saúde, Silvia Lutucuta, fez questão de entrar em algumas casas, para, simbolicamente, entregar alguns.



HIGIENEESANEAMENTO

MORADORES SÃO POUCO CUIDADOSOS

Se, por um lado, os órgãos que devem velar pela saúde da comunidade falham, por outro, os próprios moradores também facilitam a proliferação dos vectores do paludismo, por gestos que revelam negligência.

VIGAS DA PURIFICAÇÃO LEDIÇÕES NOVEMBRO SAÚDE PÚBLICA Número de mortes por malária exige outras medidas Em 2017, até 30 de Novembro, foram registados quase quatro milhões de casos da doença, com cerca de 12 mil óbitos em Angola.

Nilza Massango

s moradores do Cassequel do Buraco, distrito urbano da Maianga, estão longe de se verem livres dos mosquitos e, logo, de combater a malária. Naquele bairro, existe uma vala de drenagem a céu aberto, que está cheia de lixo, pelo que representa uma ameaça à saúde dos residentes.

Trata-se da conhecida vala da Senado da Câmara, que começa no Hospital Américo Boavida, passa pela rua da Unidade Operativa de Luanda e desemboca na zona do Golfo. É frequente encontrar muitas crianças a brincar ao longo da lixeira que a cobre.

José Manuel, morador da rua 51 do Cassequel do Buraco, acredita que é difícil prevenir-se da malária, só com o uso do mosquiteiro, quando, além do problema da vala de drenagem, o bairro tem ruas esburacadas com águas paradas, alguns focos de lixo, carros estragados, roulottes abandonadas, pneus estragados e várias valetas abertas, cheias de água suja.

"Os mosquitos também picam de dia, quando estamos no quintal, na rua e em outros sítios, onde não usamos mosquiteiros. É preciso que o Governo aposte mais na requalificação dos bairros", afirmou o morador.

José, que vive há 15 anos no Cassequel do Buraco, implorou para que as ruas do bairro sejam asfaltadas, pois quando chove, ficam alagadas, lamacentas e intransitáveis. A reportagem do Luanda, Jornal Metro-

politano, constatou que, de facto, o bairro apresenta condições favoráveis à proliferação de mosquitos, desde os charcos de água em algumas áreas, como o caso da Rua 50, que está sem asfalto.

MORADORES DÃO FACILIDADES

Observada bem a questão da persistência da malária em algumas zonas de Luanda, podemos muito bem repartir culpas. Se, por um lado, os órgãos que devem velar pela saúde da comunidade falham, por outro, os próprios moradores também facilitam a proliferação dos vectores do paludismo.

No dia 13 do corrente, no lançamento da campanha de distribuição de mosquiteiros, no Centro de Saúde do Cassequel do Buraco, a ministra da Saúde, Sílvia Lutucuta, fez questão de entrar em algumas casas, para, simbolicamente, entregar alguns.

Aquela voz autorizada notou que, em muitas das casas, faltava higiene e saneamento. Em função disso, recomendou aos moradores que, mais do que usar o mosquiteiro, é fundamental manter a casa limpa, para evitar a reprodução de mosquitos, ratos e outros insectos prejudiciais à saúde.

O Cassequel do Buraco foi o bairro escolhido para o lançamento da campanha de distribuição de mosquiteiros porta a porta, numa iniciativa do Ministério da Saúde e do Governo da Província de Luanda.

"Minha Luanda Sem Malária" é o lema da campanha, que se insere também nas comemorações do 25 de Janeiro, dia da Cidade de Luanda.

MILHARES DE MOSQUITEIROS DISTRIBUÍDOS

Na campanha conjunta Ministério da Saúde/Governo da Província de Luanda, foi distribuído cerca de um milhão e 700 mil mosquiteiros tratados com insecticida de longa duração. Na capital, a prioridade recaiu para as mulheres grávidas e crianças com menos de cinco anos, sendo estes os grupos da população mais afectados pela malária.

Luanda é uma província vulnerável a surtos de doenças transmitidas pelo mosquito vector da malária, dengue, chicungunha e zika, principalmente durante o período das chuvas. Prevê-se estender a campanha de distribuição de mosquiteiros a outras províncias.

Em 2017, a província de Luanda registou, no primeiro trimestre, cerca de 519.526 casos de malária, dos quais 167.183 em crianças dos zero aos quatro anos, Viana também registou 155.693 dos cinco anos aos 14, e mais casos em relação aos 196.650 dos 15 anos em diante. No outros municípios da prosegundo trimestre do mesmo ano, víncia, seguido do Cazenga teve um total de 461.179 casos de malária, dos quais, 152.545 em crianças dos zero aos quatro anos, 135.319 dos cinco aos 14 anos, e 173.315 dos 15 anos em diante.

Ainda no ano passado, o mu- toca às acções de combate nicípio de Viana foi o que regis- à malária. tou mais casos de malária, Comparadamente aos demais. Houve via Lutucuta, explicou que um total de 259.278 casos.

Em 2015, o Cazenga liderou a uma das principais estratélista, com cerca de 162.503 casos, gias de controlo da doença

COMO MONTAR UM MOSQUITEIRO

Segundo o folheto informativo, para montar um mosquiteiro, deve-se tirá-lo do saco, abri-lo e deixar em repouso na sombra, durante um dia. A seguir, pendurá-lo à volta da cama ou colchão. A família, principalmente, mãe grávida e crianças, devem dormir sempre debaixo de um mosquiteiro.

Na campanha "Minha Luanda Sem Malária", além de mosquiteiros, também foram distribuídos frascos de "Bactivec", produto para combater as larvas e os mosquitos.

NÚMEROS DA MALÁRIA

A ministra da Saúde, Silvia Lutucuta, informou que a malária em Angola representa cerca de 35 por cento da demanda de cuidados curativos hospitalares, 20 por cento de internamentos hospitalares, 40 por cento das mortes peri-natais e 20 por cento da mortalidade materna.

Em 2016, foram registados cerca de quatro milhões e 300 mil casos de malária, em todo o país, com 15 mil e 900 óbitos, destacando-se a faixa etária de menores de 5 anos. Já em 2017, até 30 de Novembro, foram registados quase quatro milhões de casos, com cerca de 12 mil óbitos.

e Cacuaco.

Os dados estatísticos indicam que os municípios de Viana e Cazenga necessitam de atenção especial no que

A ministra da Saúde, Síla prevenção da malária é seguido de Viana e Belas. Em 2016, no país, sendo o uso do mosquiteiro o primeiro ou um dos principais meios de prevenção individual.

Por isso, advertiu: "Se todos dormirmos debaixo de um mosquiteiro tratado com insecticida, haverá menos casos de malária e, consequentemente, de óbitos".

A recomendação é que os mosquiteiros distribuídos sejam utilizados para prevenção da doença e não para serem montados em balizas de futebol, nem para fins não previstos pelas autoridades sanitárias.

FORMACA



As duas unidades do Cinfotec leccionam 134 cursos, com destaque para Electricidade e Energias Renováveis, Inovação, Logística e Serviços de Tecnologias de Informação e Comunicação, Mecânica, Electrónica, Instalação e Gestão de Redes e Sistemas.



GILBERTO FIGUEIRA FORMAÇÃO DE QUADROS QUALIFICADOS

O Plano Nacional de Formação de Quadros tem com objectivo assegurar a formação de técnicos de excelência altamente qualificados, com reflexos na competitividade e na internacionalização da economia angolana



FORMAÇÃO O Cinfotec Rangel acolheu o acto de abertura do ciclo formativo 2018, em cerimónia presidida pelo secretário de Estado do MAPTSS, Manuel Moreira

Cinfotec prevê formar mais 6.000 técnicos

Músico C4 Pedro apadrinhou iniciativa solidária, que ofereceu seis bolsas a jovens e chefes de famílias desfavorecidas.

Fula Martins

director geral do Centro Integrado de Formação Tecnológico (Cinfotec), Gilberto Figueira, anunciou a formação este ano, de seis mil alunos em várias especialidades, nas unidades do Talatona e Rangel. Gilberto Figueira, que falava na cerimonia de abertura do novo ciclo de formação, esclareceu que a nível do Cinfotec Rangel, no distrito Urbano do Rangel, em Luanda, estão previsto a formação de 2.500 jovens.

A instituição acolheu, na passada segunda-feira, 15, a abertura do ciclo formativo 2018, num acto que contou com a presença do secretário de Estado do Trabalho e Segurança Social, Manuel Moreira, dos directores de empresas e dos formandos.

Gilberto Figueira disse ainda que o Plano Nacional de Formação de Quadros tem como objectivo assegurar a formação profissional de excelência e garantir a capacitação de quadros altamente qualificados, com reflexos benéficos na competitividade e na internacionalização da economia angolana.

O Cinfotec actua no Sistema de Formação Profissional, no domínio das tecnologias aplicadas, e ministra cursos de nível III e IV. Tem como modelo de funcionamento a relação directa com as empresas públicas e privadas do sector produtivo nacional, com as quais tem parcerias.

A instituição pretende ser um importante suporte para as empresas angolanas e estrangeiras, ajudando-as a alcançar os mais altos níveis de actualização tecnológica e de qualificação dos seus recursos humanos.

BOLSAS SOLIDÁRIAS

O projecto "Bolsa Jovem Solidária", promovido pela instituição, visa ajudar na formação dos jovens de centros de acolhimentos e chefes de famílias carenciadas, para darem o seu contributo ao desenvolvimento do país.

A iniciativa tem o apadrinhamento do músico C4 Pedro, que ofereceu seis bolsas a jovens e chefes de famílias desfavorecidas. Falando em vídeoconferência, a partir da Bélgica, o músico disse que esta é uma forma que encontrou para ajudar as pessoas interessadas em adquirir uma profissão, mas que não conseguem por falta de meios.

O director geral do Cinfotec, Gilberto Figueira, convidou, no acto de abertura, os representantes de empresas presentes a abraçarem o projecto, pois vai ajudar jovens e pessoas carentes.

"Não queremos dar peixe as pessoas, mas, sim, o anzol, para pescarem", disse o responsável.

As duas unidades do Cinfotec, em Luanda, leccionam mais de 134 cursos, entre os quais destacam-se a formação em Electricidade e Energias Renováveis, Inovação e Empreendedorismo, Transporte, Logística e Serviços de Tecnologias de Informação e Comunicação, Mecânica, Electrónica, Soldadura por Eléctrodos Revestido, Autocad, Higiene e Segurança no Trabalho, Contabilidade Geral, Instalação e Gestão de Redes e Sistema, Manutenção e Reparação de Computadores e Produção e Electricidade e Mecatrónica.



KINDALA MANUEL | EDIÇÕES NOVEN

MÚSICO C4 Pedro é dos mais acarinhado da actualidade



INFÂNCIA NO NAMIBE

LENDAS OU MITOS DA BAÍA DOS TIGRES

A anciã ouviu falar de muitas lendas sobre a Baía dos Tigres. Uma delas é que o nome do lugar deriva dos grandes ventos que soprovam sobre a areia da baía e eram como ondas que pareciam o rugir de um tigre.



MARIA AUGUSTO OS SEGREDOS PARA UMA LONGA VIDA

A centenária desvenda que o segredo para tamanha longevidade está no saber andar, ouvir e respeitar os mais velhos bem como na alimentação. Não dispensa também um bom copo de vinho e apenas vai deixá-lo de beber depois de morrer.



PROEZA Maria Carolina Augusto vive os seus 105 anos ladeado da família que tanto a ama

Manuela Mateus

nvelhecer pode significar ver o tempo passar. Mas chegar aos 105 anos é como fazer uma travessia pelo mundo fora. A anciã Maria Carolina Augusto cumpre esta proeza.

Nascida a 25 de Dezembro de 1913, na antiga freguesia de Moçamêdes, actual cidade com o mesmo nome, na província do Namibe, esta mulher tem uma vida repleta de histórias tristes, alegres e emocionantes. A centenária dona Maria, mesmo com a memória falha, fez um esforço mental para nos contar o percurso da sua longa vida. Ela recordou a infância como infeliz. Por altura do seu nascimento, ficou órfã.

"Logo que nasci, perdi a minha mãe no parto. Não tendo com quem ficar, eu e a minha irmã mais velha fomos viver com a minha tia, irmã da minha mãe", contou.

Com o passar do tempo, quando completou 12 anos de idade, a menina Maria Carolina teve de ir trabalhar para cobrir as necessidades que tinha. Naquela altura, conheceu um casal de origem portuguesa, que se tornou seu padrinho. Sob tutela deste, aprendeu a tricotar, lavar e engomar. Também, durante algum tempo, foi ama-seca dos filhos dos padrinhos até à altura em que se casou.

"MULHER PROMETIDA"

Maria Carolina Augusto é descendente da tribo Mucubal. Ela foi escolhida para ser esposa de um primo. A condição de "mulher prometida" não lhe agradava. "Para escapar deste casamento, tive de fugir para longe", recordou.

Viria, contudo, a casar-se aos 15 anos. A avó Maria Carolina contou que, naquele tempo, as mocinhas que, na fase da puberdade, soubessem cuidar das tarefas de casa estavam aptas para o casamento, caso fossem pretendidas. "Éramos bem instruídas. Desde cedo ensinavam-nos a cozinhar, lavar, passar a ferro e a tricotar, porque éramos nós que fazíamos os nossos enxovais", explicou.

Depois de casada, a jovem Maria Carolina foi viver na Baía dos Tigres, onde passou metade de sua vida. Teve 10 filhos, sendo que hoje apenas quatro estão vivos. Embora não saiba ler nem escrever, garantiu-nos que sempre insistiu para que os seus filhos fossem à escola. Actualmente Maria Carolina Augusto vive no bairro Alvalde, em Luanda, desde 1976.

AS LENDAS DA BAÍA DOS TIGRES

Sobre a Baía dos Tigres, a anciã disse que muitas lendas ouviu. Contaramlhe, por exemplo, que o nome do lugar deriva dos grandes ventos que sopravam sobre a areia da Baía e eram como ondas. "Por causa destes ventos, constantes, havia sons que pareciam o rugir de um tigre. Mas, há muitas outras lendas ...", relatou.

Segundo a anciã, houve quem dissesse que o nome do lugar vinha da cor que as grandes dunas apresentavam, quando vistas do alto mar. "No meio daquelas ondas, as dunas pareciam pele de um tigre. Outros diziam que uma embarcação colonial tinha se afundado no mar e só os cães que nela estavam sobreviveram e andavam pela Baía", detalhou.

Mas a verdade, ao certo, avó Carolina não sabe, porque no tempo em que lá viveu nunca viu tigre algum. Maria Carolina Augusto lembra-se também da prisão de São Nicolau e de alguns pontos bonitos da cidade do Namibe, como o Jardim da Colónia, a rua dos Pescadores e o Hotel Moçâmedes.

Avó Carolina já não se recorda da data em que deixou a Baía dos Tigres. Vagamente, acredita que foi numa fase em que a maioria estava a abandonar o local, porque algumas casas estavam a ser engolidas pela areia do deserto e a reserva de água tinha acabado. As dificuldades eram inúmeras e muitas pessoas foram para outros locais, à procura de melhores condições de vida. "Quando saí da Baía dos Tigres, fomos para província de Benguela, no município da Ganda. A minha sogra estava doente e o meu esposo decidiu visitar a mãe. Postos lá, já estava morta. Decidimos viver ali e criar as crianças".

SEGREDO PARA A LONGEVIDADE

Maria Carolina Augusto casou aos 15 anos, ficou viúva aos 45 echega aos 105 anos com uma família numerosa. Tem 34 netos, sendo que a mais velha tem 50 anos e a mais nova cinco. Os netos deramlhe 43 bisnetos, tendo o mais velho 28 anos. A centenária conta já com seis trisnetos.

A centenária Maria Carolina desvenda que o segredo para tamanha longevidade está em saber anos mais velhos. Adiantou família e não copo do bom nho é a cois adoro. Só co vinho deixare ciã, sorrindo.

que a alimentação também conta muito. "Hoje, os tempos são outros. Antigamente, a alimentação era 100 por cento melhor do que agora", defendeu.

A kota gaba-se que, no passado, tinha bastante energia. Diz que gosta muito de conviver com a família e não dispensa um copo do bom vinho. "O vinho é a coisa que mais adoro. Só com a morte o vinho deixarei", disse a anciã sorrindo



DESCENDÊNCIA As netas têm muito orgulho da avó



COMPORTAMENTO



Morador do bairro Catambor, no Distrito Urbano da Maianga, o menor mostrou-se satisfeito com a reabilitação do Largo do Prenda e a construção de um campo multiuso, pois permite agora que os jovens ocupem os tempos livres - em especial nas férias - com a prática de actividades desportivas.



ADILSON LEONEL

Os campeonatos de várias equipas nos bairros do Prenda e Catambor agora são realizados num campo em boas condições. Aos fins-de-semana, a quadra fica lotada tanto de crianças, jovens e adultos, que não querem perder uma partida de futebol.





EXERCÍCIOS Prática tem atraído jovens de várias idades

João Pedro

rapaz de ontem não terá boas recordações de sua infância, de, nos tempos livres, jogar a bola no campo do bairro ou até mesmo nas estradas pouco movimentadas. Hoje, a realidade é outra, os campos desapareceram para dar lugar a vários empreendimentos comerciais e até mesmo moradias.

Recuando o tempo até aos anos 1990, vimos que, em muitos bairros da cidade de Luanda, existiam campos onde, aos fins-de-semana, todos os moradores paravam para ver um jogo de futebol. Mas, nos dias de hoje, quase todos os lugares de "pelada" nos musseques desapareceram.

Para cobrir a falta que estes espaços fazem, foram construídos recentemente campos denominados Multiusos. Neles, em várias zonas da província de Luanda, pratica-se desportos para despertar-lhes o interesse e incentivar crianças, adolescentes e jovens.

O Luanda, Jornal Metropolitano, fez uma ronda pelos campos multiusos espalhados pela cidade da Kianda, nomeadamente, no Rocha Pinto,

Prenda, IMEL, Luanda Sul, Zango e Benfica, onde jovens aprimoram as suas habilidades no futebol, basquete e outras modalidades.

Construídos para a comunidade, os campos também são utilizados por algumas instituições de ensino público e privado, para a disciplina de Educação Física.

Se, por um lado, é benéfico que existam campos para os jovens praticarem exercícios e cuidar da saúde como um todo, por outro, o facto de estes ficarem à berma das estradas pode representar insegurança para os que a usam.

No caso dos campos do Rocha Pinto, Prenda e IMEL, as estradas circundantes, diariamente, registam um grande fluxo de viaturas e, em muitas ocasiões, a bola vai dar à estrada. Aí, apenas uma chamada de atenção a todos os automobilistas pode ajudar: "cuidado! bola na estrada, uma criança vem atrás".

Esta exortação devia mesmo ser o lema de quem idealizou e cuida destes espaços, pois tem acontecido atropelamentos de crianças e adolescentes que usam estes campos.

GOSTO PELO JOGO SUPERA PERIGOS

Baptista André (nome fictício) é frequentador assíduo do campo do Ro-

cha Pinto. Seus pais não têm conhecimento de que vai brincar no outro lado da Avenida 21 de Janeiro. O rapaz, que tem como ídolo Leonel Messi, explica que jogar futebol é a sua paixão e, sempre que possível, com os amigos, vai jogar naquele campo, mesmo reconhecendo que é perigoso.

"Nós não passamos pela estrada, usamos a ponte que é mais seguro. Mas quando alguém chuta a bola com muita força e vai para estrada, temos de ter muito cuidado ao ir apanhá-la", disse o adolescente, que pediu anonimato por temer castigo dos pais.

Os riscos que correm os miúdos e adultos que jogam na Avenida 21 de Janeiro são permanentes, muito por conta da velocidade que os automobilistas e, principalmente, os taxistas imprimem, quando chegam próximo do campo. No mesmo local onde, recentemente, um táxi caiu viaduto abaixo.

LARGO DO PRENDA

Cenário igual, encontramos na Avenida Revolução de Outubro, no bairro do Prenda, na famosa Mulembeira. Há poucos meses, foi reabilitado o largo e deu lugar a um campo multiuso. A obra deu uma nova imagem à zona e os munícipes têm aproveitado o lugar para fazer exercícios

COMPORTAMENTO



LARGO DO PRENDA **QUADRA SITUADA ENTRE DUAS ESTRADAS**

Para chegar ao campo, o jovens têm de fazer uma travessia perigosa, correndo o risco de atropelamentos, por automobilistas imprudentes , entre eles, os taxistas, conhecidos por não respeitarem as regras de trânsito.



PROVEITAMENTO

ATLÉTICO DA MADEIRA UTILIZA O RECINTO

Diariamente, a equipa feminina de andebol do Atlético da Madeira treina no Campo Polivavente, situado na Avenida Deolinda Rodrigues, próximo ao Instituto Médio de Economia de Luanda (IMEL).

físicos e praticar algum desporto.

No mesmo espaço, misturam-se moradores dos bairros Catambor e Prenda. Este campo está situado no meio de duas estradas muito utilizadas por automobilistas, entre eles os taxistas, que são conhecidos como os desrespeitadores das regras de trânsito.

Os táxis das rotas como Mutamba, Congolenses, Aeroporto, Cassequel do Buraco e Rocha Pinto passam por ali constantemente. Muitas crianças atravessam a estrada fora das passadeiras ou de pontes aéreas, para chegarem ao campo. Esta é uma das grandes preocupações de muitos pais, que temem pela segurança dos filhos.

Sentado no largo, a observar as crianças que se divertiam numa partida de futebol, estava Garcia Miguel. Ele vive no Prenda e, com satisfação, opina que a reabilitação do largo e a construção do campo multiuso deram novo aspecto àquela zona. Também estão a ajudar muitos jovens a praticarem desporto, em vez de uma má conduta no bairro.

"É muito triste saber que os campos onde passaram grandes jogadores hoje já não existem. Todos foram ocupados", lamentou.

Garcia Miguel enfatizou o facto de o campo estar no meio de duas vias de grande fluxo automóvel. "Está mal situado. Quando a bola sai da quadra vai logo parar à estrada", observou.



PERIGO NA TRAVESSIA O acesso aos campos constitui o maior desafio para os jovens, por causa do risco de atropelamento



DESPORTO Atletas da equipa Atlético da Madeira, durante os treinos no campo multiuso da Avenida Deolinda Rodrigues

FESTAS NOS CAMPOS IRRITAM OS VIZINHOS

Os campos multiusos têm sido usados para práticas contrárias ao desporto. Munícipes das zonas onde os mesmos se situam reclamaram das festas que são realizadas, da música alta e do consumo exagerado de bebidas alcoólicas.

É frequente a realização de festas, nos campos polivalente do Instituto Médio de Economia de Luanda (IMEL) e do Rocha Pinto. Nesses eventos, também se assiste à entrada de menores, que pernoitam nestes ambientes. Os vizinhos destes campos reclamam da poluição sonora e receiam pelas vidas de muitos jovens, que, depois de embriagados, tentam atravessar a estrada.

Paulo Junqueira, morador no bairro Rocha Pinto, discorda deste uso e afirma mesmo que os campos não foram feitos para festas, mas sim para actividades desportivas. "Não sei quem geralmente dá autorização para estas festas", criticou.

O elevado som da música também incomoda Paulo Junqueira. "De noite, não conseguimos dormir bem e nem mesmo as ligações à Polícia assustam os organizadores. Aqui, muitos adultos têm problema de tensão alta e, com o barulho feito nestas festas, agrava-se a doença", queixou-se Paulo Junqueira.

MUNICÍPIO



CAMPONESES INTERVENÇÃO SUPERIOR

Os camponeses pedem, uma vez mais, que haja intervenção do Governo para solucionar a situação. "Não sabemos mais aonde recorrer. Por isso, começámos a fazer obras para que haja alguma intervenção de quem de direito. Já recorremos ao Tribunal e nada", insistiu.



GENERAL DINGUANZA "GOVERNO DA PROVÍNCIA VENDEU-NOS O TERRENO"

Foi o próprio governo da província que nos vendeu o terreno. Estamos legalizados e a trabalhar até hoje naquilo que nos propusemos, ou seja, um projecto habitacional com escolas, hospitais, super mercados, campos de jogos, etc".



Yara Simão

associação "Ana N'dengue", localizada no bairro Mbondo Chapéu, Distrito do Camama, município de Belas, reclama, há mais de dez anos, da devolução de parte dos terrenos que, segundo afirma, lhes foram roubados no Distrito Urbano do Lar do Patriota.

Mais de trezentos camponeses decidiram criar a associação, a fim de fazer frente à cooperativa imobiliária "O Lar do Patriota" e assim reivindicar ,organizadamente, a devolução do espaço que alegam lhes pertencer desde 1978.

Liderada pelo general António Henriques Miguel da Silva "Dinguanza", a cooperativa "O Lar do Patriota" é acusada, pelos membros da Associação Ana N'dengue, de invadir e ocupar, sob ameaça, mais de 309,5 hectares de terra, numa área onde, actualmente, estão erguidas várias residências, no município de Belas, em Luanda.

Ao *Luanda, Jornal Metropolitano*, o associado Cristóvão António Sandoca explicou que a organização já apresentou várias queixas à administração local, Polícia Nacional, Governo Provincial de Luanda, partido MPLA, bem

como ao Tribunal, por burla, abuso de poder, abuso de confiança, ameaças e tentativas de assassinato.

"A zona situada desde o Camama até ao Benfica foi uma área agrícola e, depois da Independência, no ano de 1978, os camponeses ocuparam, quando o primeiro Presidente da Repúblzica, Dr. António Agostinho Neto, pediu ao povo para não depender do Porto e apostar na agricultura. Mas, devido aos conflitos que o país viveu, os camponeses tiveram de abandonar a área, cientes de que as terras lhes pertenciam".

Cristóvão António Sandoca explicou que, inicialmente, houve acordo entre a cooperativa "O Lar do Patriota" e a associação Ana N'dengue, mas, com o decorrer do tempo, não foi possível obter consenso, em questões consideradas pertinentes.

"Já fomos recebidos pelo general Dinguanza, no seu gabinete. Abordámos toda a problemática que envolve as partes e chegou-se à conclusão de que os acordos firmados ficavam sem efeito, por incumprimento da direcção do "O Lar do Patriota". As compensações acordadas consistiam na atribuição de uma residência ou indemnização a cada camponês detentor de parcela de terra. Estava acordado que a direcção do "Lar do Patriota" se manteria nos limites das terras que ocupava até aquele

momento e que não podia avançar nem um metro, nas terras dos camponeses".

Mais de uma década depois, contudo, o imbróglio continua. Insatisfeitos, os camponeses clamam pela assumpção, pelo "O Lar do Patriota", dos compromissos assumidos.

"Entre Novembro de 2010 e Janeiro de 2012, perdurou, de certa maneira, o entendimento. Foi quando o general Dinguanza, sob forte aparato de falsos militares das FAA e polícias, mandou máquinas para terraplanagem nas áreas dos camponeses, iniciando assim uma nova invasão, com o intuito de avançar com o seu projecto. Continuam a usar a força, tentando ocupar partes do terreno da Ana N'dengue", revelou o associado.

Os camponeses alegam que lhes foram atribuídas fichas de reconhecimento, para a indemnização pelo general Dinguanza, desde 2002 até 2005. Porém, segundo dizem, até hoje, nunca se cumpriram os acordos e as terras têm sido invadidas, pela força de armas.

"Já passámos por muitas atrocidades e fizemos muita gritaria para os órgãos competentes, mas nunca houve solução. Mesmo depois de orientações superiores! Até o Comité Central do MPLA orientou que nos fossem dadas casas, mas o homem é teimoso e demonstra que pode desafiar quem quer que seja", desabafou o nosso interlocutor.



GENERAL António Henriques Miguel da Silva "Dinguanza"

MUNICÍPIO



PELA COOPERATIVA REIVINDICADORES **ACUSADOS DE INVASÃO**

"São mais de 100 pessoas que se fizeram transportar em oito viaturas, munidas de rádios de comunicação. Uns até estavam uniformizados com a farda das Forças Armadas Angolanas. O assunto já é do conhecimento da Polícia do Distrito.



ASSOCIAÇÃO **RECLAMA PARCELA**

Mais de trezentos camponeses decidiram criar a associação, a fim de fazer frente à Cooperativa Imobiliária "O Lar do Patriota" e assim reivindicar, organizadamente, a devolução do espaço que alegam lhes pertencer desde 1978.

"PROCURAMOS DEFENDER-NOS"

Como nada tem sido feito durante esses anos todos, os camponeses assumiram a decisão fazer alguma coisa. "Procuramos defender-nos. Entramos nas terras e começamos a dividir as parcelas. Muitos já levantaram cabocos e até muros. Somos corridos à porrada pelos militares. Mas, todos os dias, estamos lá, no terreno, para defender os nossos direitos. Somos camponeses, pessoas humildes. Por isso, abusam-nos e nos roubam por não termos direito à voz neste país. Porque o problema é do conhecimento do Comité Central do MPLA, do Governo Provincial e Administração Municipal e, mesmo assim, não temos resposta. Temos todas as provas das portas que batemos e nenhuma deu solução. Tudo indica que, neste país, ganha quem manda, quem tem dinheiro e família no poder"

Cristóvão Sandoca garante que os associados já não conseguem chegar ao terreno, por medo de represálias. Consideram que estão a ser tratados como animais.

"Haja o que houver, somos humanos e precisamos, através do diálogo, chegar novamente a um consenso e não manter o braco de ferro que persiste há mais de dez anos. Somos mais de trezentos camponeses. Queremos que nos dêem pelo menos metade da parcela que ficou. Queremos as nossas terras de volta", afirmou

Os camponeses pedem, uma vez mais, que haja intervenção do Governo para solucionar a situação. "Não sabemos mais aonde recorrer. Por isso, começámos a fazer obras para que haja alguma intervenção de quem de direito. Já recorremos ao Tribunal e nada", insistiu.

De acordo com Cristóvão Sandoca, hove uma reunião com os camponeses, no Governo da Província, a 29 de Abril de 2010, tendo-se decidido que fosse construídas 1.500 casas, num espaço de 309 hectares de terra.

"Era suficiente para os camponeses e ninguém sairia a perder", explicou Cristóvão Sandoca, acrescentando que

já consultaram vários advogados, mas nenhum conseguiu resolver a situação.

"NINGUÉM ROUBOU NINGUÉM"

Contactado pelo *Luanda, Jornal Metropolitano*, o presidente do conselho de administração da cooperativa "O Lar do Patriota", António Henriques Miguel da Silva "Dinguanza", garantiu que presumíveis membros da cooperativa "Ana N'dengue" não passam de malfeitores trajados de camponeses. "Estes elementos são malfeitores, porque os camponeses ficam onde há cultivo e, neste espaço, não existe terra arável e água para cultivo. Estão a invadir porquê?", questionou.

O terreno, conta o general, "era propriedade do português Gomes Irmão, que, depois da independência, foi-se embora. Na altura, o Presidente Agostinho Neto fez sair um decreto, segundo o qual os donos de terrenos deveriam reconhecer as suas propriedades num prazo de três meses. Quem não o fizesse, teria as terras confiscadas. E como Gomes & Irmão não compareceu, o Estado confiscou o terreno. Daí que, anos depois, a cooperativa comprou ao Estado este terreno, hoje "O Lar do Patriota". O general Dinguanza fez questão de frisar que o projecto não é dele. "É do povo angolano. A cooperativa tem mais de 100 associados e quem quiser pode ser sócio e ter uma residência decente. Eles querem construir aqui musseques. Esses supostos camponeses estão a ser influenciados por alguém, para criar este tipo de conflitos. Já fomos ao Tribunal fazer queixa sobre a invasão destes malfeitores. Temos toda a documentação que comprova a titularidade do terreno e indemnizamos os pequenos camponeses, ainda da época de Gomes & Irmão. Temos o comprovativo dessa indemnização", assegurou.

A atestar a sua convicção sobre a falta de seriedade da Associação de Camponeses, o Presidente do Conselho de Administração do "O Lar do Patriota" explicou que a cooperativa foi constituída em 2001 e o grupo de contestatários apareceu somente em 2010, quando já se erguiam casas.

"Estão a vandalizar o espaço. Eles não têm fundamento legal. É necessário que se ensine as pessoas. Eles invadiram dez hectares de um terreno destinado a um complexo escolar, que arranca já no próximo ano. Estes malfeitores e aproveitadores estão a vandalizar o espaço", denunciou

Segundo o general, a "Ana N'dengue" apareceu no Governo da Província a reivindicar a posse do terreno, quando este já estava em posse da cooperativa "O Lar do Patriota"

"Foi o próprio governo da província que nos vendeu o terreno. Estamos legalizados e a trabalhar até hoje naquilo que nos propusemos ou, seja, um projecto habitacional com escolas, hospitais, supermercados, campos de jogos, etc".

Muitos destes elementos, acrescenta Dinguanza, têm praticado actos de vandalismo, como a demolição de muros e a invasão de terrenos.

"São mais de 100 pessoas que se fizeram transportar em oito viaturas, munidas de rádios de comunicação. Uns até estavam uniformizados com a farda das Forças Armadas Angolanas (FAA). O assunto já é do conhecimento do Comando de Polícia do Distrito Urbano do Lar do Patriota" denunciou.

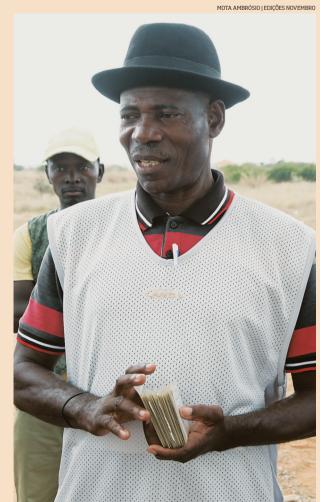
De acordo com o general, a cooperativa espera que seja reposta a legalidade.

"Nós já indemnizamos os camponeses e o que estas pessoas estão a fazer é vandalismo. Acho que o Governo tem sido muito paciente. Os órgãos competentes têm de começar a agir com mais celeridade, sobre esse tipo de processos, e não deixar estender o assunto para mais de dez anos", pediu.

Dos tribunais, o general Dinguanza espera a maior celeridade possível, no processo. "Há muita malandrice no processo. Temos todos os documentos de compra do espaço, autorizações para a construção das casas e de outros projectos", concluiu. YS



CAMPONESAS não sabem onde recorrer e pedem a intervenção do Governo para solucionar o braço de ferro



REPRESENTANTE DA ASSOCIAÇÃO Cristóvão Sandoca

PUBLICIDADE



PAGUE JÁ A TAXA DE LIMPEZA E CONTRIBUA PARA A BELEZA DA NOSSA PROVÍNCIA



SOCIAL

MEMORIAL ACOLHE "OFICINAS & LETRAS"

O Memorial Dr. António Agostinho Neto está a realizar a 5ª edição do programa de férias "Oficinas & Letras". O programa destina-se a crianças, dos cinco aos 16 anos, e acolhe um conjunto de actividades didáctico-pedagógicas com teor histórico e artístico.



TOPRÁDIO LUANDA GALARDOA ARTISTAS

Músicos de vários estilos vão concorrer à 19ª edição do Top Rádio Luanda, cuja gala se realiza no dia 25 do corrente, no Clube dos Caçadores, em Luanda. O Top Rádio Luanda é um concurso de Música Angolana, que visa premiar várias categorias musicais e os cantores da preferência dos ouvintes da Rádio Luanda.



EVENTOS



EXPOSIÇÃO Artista plástico (no centro) apresenta obra

UNIRMANDADE DE QUIZEMBE PATENTE NO CENTRO CAMÕES

Figuras humanas, particularmente crianças reinventadas, numa conjugação entre o real e o imaginário, o figurativo e o abstracto, marcam a exposição individual do artista plástico Silvestre Quizembe, intitulada "Unirmandade". A amostra, que está patente no Centro Cultural Português, em Luanda, até ao dia 30 do corrente, reúne 16 telas. com recurso à técnica mista em acrílico e óleo sobre tela. Silvestre Quizembe foi o vencedor do Prémio EnsaArte 2016, na categoria Juventude.



MÚSICO Projecto será lançado na Praça da Independência

O "PRESIDENTE" É A NOVA **PROPOSTA DE DJI TAFINHA**

O cantor, produtor e compositor Dji Tafinha anunciou, para Março, o lançamento da sua nova obra discográfica, com o título "Presidente". A obra vai contar com 18 faixas musicais inéditas e participações de artistas de Angola, Ilhas Mauricias, Moçambique e Tanzânia. Este mesmo projecto vai à praça da Independência, em Luanda, com o seu CD e DVD.



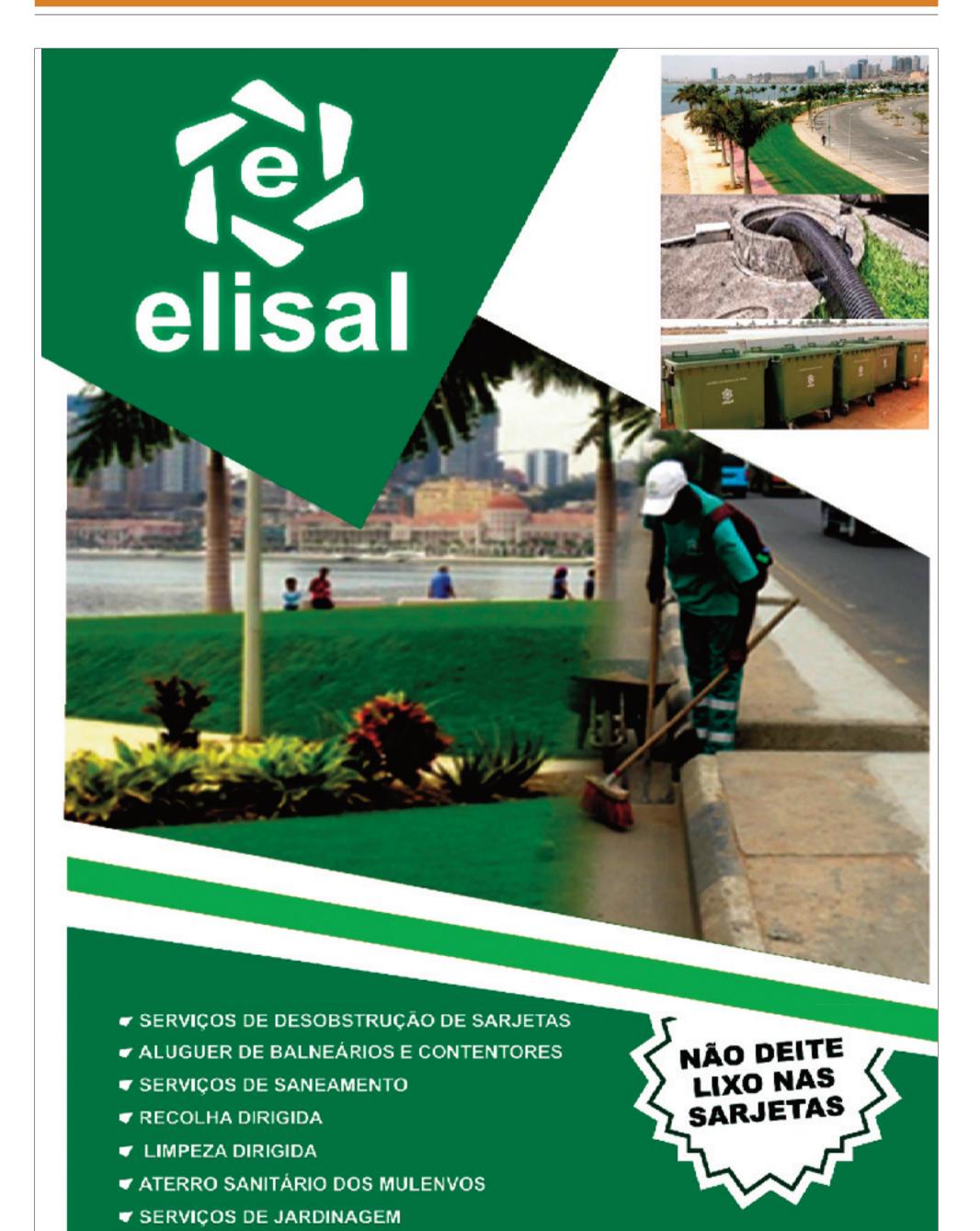
oão António de Carvalho é, provavelmente, um dos maiores alfarrabista de Luanda, quiçá do país. O vendedor de livros antigos e usados a céu aberto é tambem um dos impulsionadores da literatura, que, nos últimos tempos, vem experimentando a escrita de enigmas: perguntas formadas após leituras de textos de vária índole. A olho nu, nem sempre quem se depara com essas escritas vê algum sentido na frase. Tal como fez questão de frisar, "é preciso que a pessoa seja um autodidacta, para conseguir responder às questões que coloco", contou. As folhas encontram-se espalhadas pelo chão, próximo de mais de 60 livros que expõe na rua de Cabo Verde, à Terra Nova.

Os enigmas, perguntas por ele formuladas, não são comercializáveis. São apenas expostos para atrair clientes, que param, reparam e questionam. Ainda assim, as respostas somente João de Carvalho as têm.

Nascido aos 30 de Outubro de 1962, na província do Kwanza-Norte, João António de Carvalho vende livros nas ruas de Luanda há mais de 32 anos. Nesse trabalho, intercala investigações ligadas à história, filosofia, linguística e, particularmente, gramática, produzindo questões alternadas sobre riquezas naturais, cultura e tradição de vários povos de África, Europa e América.

Entre várias propostas, formula questões do tipo: "Que rio de África é o nome de uma cidade na Europa?"; "Que rio da Europa é o nome de uma cidade em África?"; "Que verbo em português podes acentuar, para transformar-se em nome de cidade?" ou "Que verbo em Português podes alterar-lhe somente a pronúncia, para designar o nome de um alimento em Inglês?"; Que equipe de futebol de Angola lembra o que foram Leonardo da Vinci e René Descartes?

São perguntas como estás e tantas outras que só ele mesmo sabe responder. Os textos fazem parte de um conjunto de 100 enigmas, que carecem de patrocínio para a sua publicação em livro. **CRISTINA DA SILVA**



A Elisal - Empresa de Limpeza e Saneamento de Luanda, tem como objectivo social a prestação de serviço público de limpeza e gestão de resíduos sólidos da província de Luanda, visão de assegurar a saúde pública e a protecção do meio ambiente.

Ambiciona liderar a transformação do paradigma de gestão de resíduos na província de Luanda Implementando infra-estrutura de procedimentos de excelência na limpeza, recolha, tratamento, valorização deposição final de resíduos que contribuem para a melhoria significativa dos munícipes.





ELISAL, PARA UMA VIDA MAIS SAUDÁVEL Bairro Vila Flor - Zona 19-S3, Quarteirão 7 (Filda) Caixa Postal 378 Luanda - Angola Tel.: 222 00 34 64 - 940 95 16 95

E-mail: atendimento.cliente@elisal.co.ao

www.elisal.co.ao

CULTURA



PROMOÇÃO HÁBITOS E COSTUMES DAS MINORIAS ETNICAS

A promoção dos hábitos e costumes das minorias étnicas e culturais dos países de Língua Oficial Portuguesa insere-se nas principais linhas de força do projecto, que contará com a participação de todos os países membros da comunidade.



CUSTOS VINICIATIVA SEM

Sem contar com qualquer tipo de investimento, os promotores do projecto pretendem torná-lo auto-sustentável, com a impressão de serigrafia artística dos países falantes da língua portuguesa e lançá-la para o mercado através dos Correios de Angola.



TELA Operador prepara a máquina para a reprodução



DIRECTOR DO PROJECTO Alandino Jasse



EQUIPAMENTOS Uso vai exigir pessoal qualificado

Um "Plano B" para animar as noites de Luanda

O projecto visa a promoção dos hábitos e costumes das minorias étnicas e culturais, dos países de Língua Oficial Portuguesa mais Cuba.

António Pimenta

Plano B" é a denominação de um projecto artístico, lançado recentemente, em Luanda, numa parceria públicaprivada, que envolve a Empresa Nacional dos Correios de Angola, para prover a cidade de Luanda de uma série de actividades multi-culturais.

A promoção dos hábitos e costumes das minorias étnicas e culturais, dos países de Língua Oficial Portuguesa, insere-se nas principais linhas de força do projecto, que contará com países como Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Portugal, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Timor Leste e Cuba.

"Apesar de falarmos português, existe um desconhecimento total dos hábitos e costumes e mesmo dos cruzamentos culturais que existem entre uns e outros", afirmou o director do Projecto, Aladino Jasse.

Referindo-se ao envolvimento de Cuba no Projecto, Aladino Jasse fez questão de aclarar que surge da contribuição que este país prestou à causa da nossa independência e no período posterior a esta, com especial destaque para os sectores da Educação e da Cultura.

"O primeiro curso de artes plásticas no pôs-independência, explica Aladino Jasse, foi ministrado por professores cubanos, no então Barracão, "uma escola de artes e ofícios que existiu desde o tempo colonial e que foi reactivada depois da independência, por orientação do então Presidente Dr. António Agostinho Neto".

O Projecto Plano B compreende, igualmente, um sub-projecto, denominado "Manobras", que tem sob sua responsabilidade a realização de uma série de actividades relacionadas ao cinema, gastronomia, artes plásticas, teatro e dança, a serem realizados a cada quatro meses. Os organizadores da iniciativa acreditam que, com esses exercícios, darão um outro movimento à cidade de Luanda.

Os espectáculos serão realizados na Avenida Lenine, rua da escola Mutu- Ya- Kevela, local onde funciona o "estado-maior" do Projecto B, numa gentileza dos correios de Angola.

"Temos já montado, nos Correios da Ingombota, o atelier de produção gráfica e a galeria de artes. Estamos a iniciar a instalação dos instrumentos musicais.

Questionado sobre os custos do Projecto, Aladino Jasse esclareceu que não há qualquer tipo de investimento. "O que estamos a tentar fazer é torná-lo auto-sustentável, com a impressão, por exemplo, de serigrafia artística dos países envolvidos no Projecto e lançá-la para o mercado, através dos Correios de Angola", esclareceu.



ARTES PLÁSTICAS O primeiro curso no pós-independência foi ministrado por artistas cubanos

CULTURA



SERIGRAFIA

REPRODUÇÃO DE OBRA DE ARTE EM TELA

Luanda conta com a primeira casa para a impressão de serigrafia, um exercício que consiste na reprodução em tela de obra de arte. O director do projecto, Aladino Jasse, considera impossível um conhecimento a preceito das artes, se não houver serigrafia.



CORREIOS

DIVULGARE ROMOVER AARTE DA SERIGRAFIA

"Vamos aproveitar a grande versatilidade que caracteriza a actividade dos correios para divulgar e promover a nossa serigrafia e ainda fazer a exposição, em algumas instituições do Estado, sempre que se justificar".

VIGAS DA PURIFICAÇÃO I EDIÇÕES NOVEMBRO

OBRAS DE ARTE

Primeira casa de serigrafia abre em Luanda "É impossível um conhecimento a preceito das artes se não tiver serigrafia"

DICAS Aladino Jasse diz não haver serigrafia artística em Angola e o que o projecto se propõe fazer representa o primeiro exercício realizado em Angola

António Pimenta

ma casa para impressão de serigrafia encontra-se já a funcionar em Luanda, tornandose na primeira instituição aberta em Angola, para a realização deste tipo de trabalhos. Em termos mais genéricos. Serigrafia é a reprodução em tela de uma obra de arte, entendida por muitos como uma via para a sua divulgação. Em entrevista concedida ao Luanda, Jornal Metropolitano, o director do projecto, Aladino Jasse, considerou impossível um conhecimento a preceito das artes, se não houver serigrafia.

Qual é o significado de serigrafia?

Serigrafia pode significar a reprodução de uma obra de arte. Ela pode ser feita através da fotografia, imprimida em revistas, jornais ou outro tipo de publicações. Pode, de igual forma, apresentarse em posters ou postais.

Quais são as particularidades da

Quando fazemos uma serigrafia, ela é feita em números reduzidos e em quantidades previamente estabelecidas. No acordo rubricado entre o artista e a entidade editora, é definido o número de cópias que, em princípio, deve ser produzido. Depois do trabalho de serigrafia em si, o quadro é numerado e autenticado com a assinatura do autor da

obra, o que atribui um caris legal à mesma. Por outras palavras, a serigrafia acaba por ter um cunho legal que quase se assemelha ao original, enquanto a fotografia não passa de uma mera reprodução do quadro, que pode ser reproduzida em jornais ou em outro tipo de publicações. Ela pode ser definida em serigrafia artística e industrial.

Como avalia a serigrafia em Angola?

Não existe serigrafia artística em Angola. O que estamos a fazer representa o primeiro projecto de produção de serigrafia no país. Para a concretização deste projecto, estou a trabalhar com artistas angolanos e dos oito países de Língua Oficial Português. Vamos imprimir serigrafia para distribuir e vender.

Mas... nunca se fez serigrafia em

Quem fazia tinha de viajar para a África do Sul ou Portugal. Editei, nestas condições, três ou quatro obras de artistas angolanos, como o Van, o Jorge, o Zan, o Horácio e o Viteix. Temos, no nosso país, isso sim, a serigrafia industrial, a que é utilizada, por exemplo, para tim-

O objectivo da serigrafia é a divulgação das obras de arte, evitando que as mesmas caiam no anonimato, depois de produzidas. A valorização da arte está na divulgação.

brar T-shirts, porta -chaves e a produção dos dígitos dos telemóveis, etc.

Pensam envolver os Correios de Angola no negócio da comercialização da

Vamos aproveitar a grande versatilidade que caracteriza a actividade dos Correios para divulgar e promover a nossa serigrafia e ainda fazer exposição, em algumas instituições do Estado, sempre que as circunstâncias justificarem.

Que objectivo persegue a arte da serigrafia?

O objectivo da serigrafia é a divulgação das obras de arte, evitando que as mesmas caiam no anonimato, depois de produzidas. Se formos, por exemplo, aos escritórios da Sonangol, podemos encontrar quadros em todos os andares do edifício. Mas acontece que ninguém conhece estas obras, porque nunca as viram. A valorização da arte está na divulgação.

Divulgação em Angola?

Acho que tem a ver um pouco com a própria história das artes plásticas em Angola. É muito fraca. Nós não temos uma escola superior de belas artes. Não temos, em Luanda ou em qualquer parte do país, uma área especifica para a comercialização daquilo que os artistas produzem; uma loja especializada em artes.

Mas temos alguns lugares ...

Não podemos confundir o artesanato

com belas artes. Nós temos agui artesanato, mas muito do que é comercializado em Luanda é de proveniência congolesa democrática.

Mas Angola produz algum?

As grandes escolas do artesanato estão situadas na fronteira entre Angola e Congo Democrático, mais concretamente em Cabinda e nas Lundas, uma faixa muito estreita, que aparece em função do surgimento das grandes escolas de esculturas africanas e de produção artesanal. Luanda, Benguela e toda a zona costeira não têm, praticamente, nada. Quando falamos em esculturas, falamos em tecelagem e cerâmica. Na região do Kwanza-Sul, temos um artesanato tumular, que tem a ver com os cemitérios. Eles podem encontrar-se às margens do Kwanza, na via que vai de Luanda ao Kwanza-Sul. Mas podem também se encontrar no Lubango.

Em qualquer um destes locais, podemos encontrar túmulos decorados. Mas tudo o que se trata de destreza manual, encontramos nas Lundas e no Norte de Angola. Por isso, Angola devia ter este tipo de ensino, desde a base até à formação universitária. Mas ninguém dá importância a isso.

Acha que Angola pode vir a se tornar num centro de referência em serigrafia?

Não, não...não vai ser referência nenhuma. Vamos ter só serigrafia em Angola.

Quando é que iniciam as primeiras produções de serigrafia em Angola?

Já fizemos uns testes com oito artistas e pensamos fazer outros ainda este ano. Capela, Horácio Da Mesquita e Hildebrando foram alguns dos artistas escolhidos.

È muito caro fazer serigrafia em Angola?

Fazer em si não custa muito caro. O que a torna cara é a importação de produtos para fazê-la. Até o papel é importado. Depois, põem-se aqui os custos, para a transportação do material importado e ainda as taxas para o desalfandegamento.

Até onde vai a participação dos correios nestas despesas?

Na cedência das instalações, na Cabral Moncada, onde estamos a funcionar, e na sua boa vontade em aceitar fazer parte de um projecto desta natureza.





A Rebita pode ser considerada um património da cidade de Luanda, apesar de estar a se espalhar para outras latitudes, em consequência da globalização

CECÍLIA GOURGEL

DIRECTORA NACIONAL DO PATRIMÓNIO HISTÓRICO

RUAS ASFALTADAS

DISTRITO DO RANGEL MELHORA A IMAGEM

As ruas do distrito urbano do Rangel vão ser asfaltadas a partir do primeiro trimestre deste ano, após a reparação da rede de esgotos, informou à Angop o administrador local, Francisco Naval. As ruas 8 de Novembro, da Vaidade, do Picapau e da Ambaca são as beneficiárias.



LUANDA

Festa do aniversário com várias actividades

Dois espectáculos musicais, denominados "Festshow Cidade de Luanda", acontecem nos dias 25 e 26 próximos, na nova Marginal, a partir das 15 horas. O "Festshow Cidade de Luanda" conta com a actuação de 32 cantores e é organizado pela Administração da Ingombota, em alusão ao aniversário da Cidade e também do distrito. O acesso será gratuito.

De acordo com o programa, entre os cantores convidados, destacam-se Nagrelha, Givago, Saryssari, Konde, Cristo, The Groove, Puto Prata, Os Moikanos, Bangãozinho, Janice Perla, Laba, Mulunda, Mami Taxi, Linda Jhoy. Os espectáculos vão decorrer a frente ao Memorial António Agostinho Neto.

Apesar do distrito da Ingombota não possuir a mesma idade da fundação da cidade de Luanda, foi na actual circunscrição, na Ilha do Cabo, onde o capitão português Paulo Dias de Novais desembarcou, em 1575, e estabeleceu o primeiro núcleo de colonos portugueses.

Segundo os últimos dados estatísticos, actualmente, o distrito da Ingombota tem cerca de 400 mil habitantes que ocupam toda baixa da cidade capital.

Há previsão deste número reduzir com a saída de várias famílias para a periferia da cidade, principalmente para as centralidades ou habitações de construção dirigida.

A Antiga Loanda, no ano de 1764, registou a construção dos edifícios mais belos da cidade, sob gestão do governador D. Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho. Naquela administração, a cidade estava dividida em parte Alta e Baixa que eram separadas por barrocas bastante íngremes.

Na cidade Alta estavam os serviços militares, civis e religiosos, incluindo a fortaleza de S. Miguel, o Palácio dos Governadores, o Tribunal, a Junta da Fazenda Real e o hospital D. Maria Pia. A cidade Baixa era dominada pelo comércio e dividida em largos, praças e terreiros.

Em alusão aos 442 anos da cidade Luanda, além de dois espectáculos musicais, serão realizados uma mesa redonda com o tema "Luanda hoje, ontem e amanhã", um torneio de futebol da velha guarda, encontros de confraternização e um passeio turístico de Catamarã ao longo do percurso Baia de Luanda/Museu da Escravatura.



FESTIVAL Konde, Puto Prata e Nagrelha estão entre os convidados ao evento

Resenha da Semana

PROMETE MEDIDAS DURAS

GOVERNADOR REAGE AOS ROUBOS DE CABOS ELÉCTRICOS

O governador de Luanda garantiu que vão ser tomadas medidas com vista a por fim ao furto e fundição de material ferroso, com destaque para os cabos eléctricos. Adriano Mendes de Carvalho fez esta declaração no final de uma visita aos municípios de Viana e Cazenga, à empresa "Siderurgia" Best Metal (Pólo Industrial de Viana), gerida por cidadãos de nacionalidade indiana e pertença de cidadãos turcos. No recinto, foram encontrados cabos eléctricos, postos de transformação, material ferroso e fornos. Já no Cazenga, um espaço com aproximadamente três hectares, é feito o depósito de cabos eléctricos roubados e vasilhames que são transformados em lingotes. O governador de Luanda afirmou que não gostou do que viu e que existe um certo desleixo por parte dos administradores municipais e distritais, que devem estar mais atentos, porque a venda deste material é feita nas suas circunscrições, sem o conhecimento daqueles

"O roubo de cabos eléctricos faz aumentar o índice de criminalidade. A cidade fica às escuras e a população revolta-se por falta de luz. É uma situação lamentável e peço à população que denunciem estes casos", apelou. As zonas mais afectadas pelo roubo de cabos de electricidade são a Avenida Fidel Castro, distrito do Camama, e Cidade do Kilamba, com destaque para a vandalização de mais de 70 equipamentos, como cabos, postos de transformação e armários de seccionamento.

CONSTRUÇÃO E REABILITAÇÃO

DISTRITO DA SAMBA PRECISA DE MAIS ESCOLA

A directora distrital da educação da Samba, Joana Chantal, disse que é necessária a construção de 20 escolas, para albergar mais de 10 mil alunos. Uma vez que o distrito depara-se com a falta de espaços para a construção de escolas, a responsável sugere a ampliação de algumas escolas já degradadas, transformando-as em edifícios com vários andares. Acrescentou que a falta de carteiras também constituiu uma preocupação. Segundo a directora, no presente ano lectivo, o processo de matrículas fez-se entre 15 e 20 de Janeiro e estiveram disponíveis quatro mil e 670 vagas, para novos alunos.

DIA NACIONAL DA CULTURA

POTENCIAL DE CALUMBO APRESENTADO EM FESTA

Os munícipes do Calumbo mostraram todo potencial do seu património histórico e cultural, monumentos e sítios e produtos provenientes do campo e da pesca, numa festa que marcou as celebrações do "Dia Nacional da Cultura", realizada, dia 8, no mercado do Calumbo, em Viana. A dança e a música tradicional, fundamentalmente, alguns momentos de cabecinha, com o grupo carnavalesco Viveiros do Njinga Mbande, uma feira do livro, exposição fotográfica sobre o Corredor do Kwanza, marcaram a celebração. O evento foi promovido pela Administração local, em parceria com as cooperativas dos pescadores e agricultores, denominadas "União Baixo Kwanza".

Por fim...

ANTÓNIO PIMENTA



O DIFÍCIL ACESSO A QUEM INFORMA

É sexta-feira, dia do fecho. Na redacção. repete-se o movimento habitual e muito comum a esta altura. São muitos os altos e baixos. De um lado, repórteres nos arranjos para a conclusão dos textos e, do outro, a pressão do chefe para a entrega do material. E neste "vai e vem", os problemas avolumam-se: são as fontes que não falam e os que falam, mas como uma espécie de "boca de aluguer", que, na maior parte dos casos, resulta numa inversão do sentido correcto das coisas. O aniversário da cidade de Luanda é o destaque, desta semana, do Luanda, Jornal Metropolitano. Motivos mais do que acrescidos, pensamos nós, para levar aos luandenses um pouco mais da nossa cidade cosmopolita. As suas estruturas seculares e modernas; os seus hábitos e costumes e as assimetrias que configuram hoje a capital de Angola, 442 anos depois da sua fundação. Mas o acesso às fontes continua a representar um verdadeiro transtorno à nossa missão de informar e levar a província ao público. O governador não fala, porque está há pouco tempo no cargo; o Ministério da Educação fecha-nos as portas, para não abordar a questão das matrículas e os esquemas que giram à volta do processo. Há também os homens da fiscalização e muitas outras instituições, que, por razões várias, recusam o contacto com a imprensa. Nas situação em que se pode recorrer aos Gabinetes de Comunicação Institucional, nem sempre quem por estes respondem cumpre com o seu verdadeiro papel, o de facilitador do acesso às fontes. Em muitos casos, parece haver uma confusão entre o que fazem o que devem fazer. Alguns, muito solícitos, apressam-se a fazer a vez do chefe, mesmo quando não lhes cabe o papel. As denúncias feitas, com grande regularidade, por cidadãos, deixam à mostra, por exemplo, um crescendo da violência em algumas artérias da cidade. Mas os homens ligados à ordem publica desmistificam a coisa e garantem que a situação está controlada. Os cabos de energia são furtados e as cabines de energia vandalizadas. As rodovias ficam às escuras, por força desses assaltos, mas as forças da ordem garantem que fazem o seu trabalho. Enfim... um verdadeiro "avesso das coisas", no falar do escritor brasileiro Carlos Drumond de Andrade. "Mas que autoridade se digna a abordar estes ou outros assuntos?